



RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS: A RELEVÂNCIA DA MUTUALIDADE BÍBLICA PARA A EDIFICAÇÃO DE UMA COMUNIDADE CRISTÃ

Marcus David Ziemann¹

RESUMO

O tema “relacionamentos interpessoais” tem se tornado cada vez mais relevante na atualidade. O individualismo, o utilitarismo e o imediatismo da era presente têm levado as pessoas a se tornarem cada vez mais artificiais em suas relações. Por outro lado, pesquisas na área das Ciências Humanas mostram que pessoas têm buscado relações de amizade mais significativas e por comunidades de interesse comum. Nestas, um fator que acaba norteando os relacionamentos é a mutualidade. Entretanto, no contexto de uma comunidade cristã, tanto os relacionamentos como a mutualidade devem ser vistos à luz das Escrituras. Conforme o testemunho bíblico, o ser humano é sujeito dos relacionamentos. Ele foi criado como um ser relacional e para viver em comunidade. No Novo Testamento, essa comunidade é a igreja, o Corpo de Cristo. Nela os relacionamentos acontecem na dimensão da comunhão cristã. Já a marca dos relacionamentos é o amor ágape, que provém de Deus, e o amor fraternal entre os irmãos na fé. Nesse contexto, a mutualidade bíblica, conhecida pela expressão “uns aos outros”, pode ser considerada a característica essencial dos relacionamentos interpessoais. Na prática, sua relevância está ligada com a edificação de uma comunidade cristã. Ela faz do culto um espaço de celebração fraterna. Faz do ensino um espaço de discipulado. E faz da vida comunitária um espaço de serviço e aconselhamento mútuo. Enfim, faz com que os relacionamentos interpessoais sejam relevantes para que a fé pessoal e a vida

¹ Marcus David Ziemann é bacharel em teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT, tendo concluído sua graduação em dezembro de 2009. Atualmente está realizando seu Período Prático de Habilitação ao Ministério na Paróquia Luterana de Funil, no município de São José do Mantimento - MG. O presente artigo é uma versão levemente modificada do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado pelo autor como pré-requisito para a conclusão do curso de bacharelado em teologia. E-mail: mensageiromarcus@yahoo.com.br.

comunitária estejam conectadas em prol da edificação do Corpo de Cristo.

Palavras-chave: Relacionamentos; mutualidade; edificação de comunidade.

ABSTRACT

The theme “interpersonal relationships” has become more and more relevant nowadays. The individualism, the utilitarianism and immediacy of present era have conducted people to be more and more artificial in their relationships. On the other hand, the researches in Human Science area show that people are seeking for more significant friendly relationships and groups with interests. In this kind of relationships, one factor that guides is the mutuality. Nevertheless, in the context of the Christian community both relationships and mutuality must be seen from the Scripture’s view. The human being was created to maintain relationships and to live in groups. On the New Testament, this community is the church, the body of Christ. Inside of it, the relationships happen in Christian communion dimension. The relationships sign is the agape love that comes from God and the fraternal love among brothers in faith. In this context, the biblical mutuality, known by the expression “one to another”, can be considered the essential feature of the interpersonal relationships. In practical terms, the relevance is connected to the Christian community edification. It makes the cult a space of fraternal celebration. It makes the teaching a discipleship space. It makes the community life a mutual service and mutual advice space. Finally, the Bible mutuality makes the interpersonal relationships relevant personal faith so that the community life edification the Christ Body.

Keywords: relationships; mutuality; community edification.

INTRODUÇÃO

Falar de “relacionamentos interpessoais” no contexto de uma comunidade cristã é uma tarefa desafiadora. Poucos são os autores cristãos que se propõem a escrever sobre o assunto de forma mais específica e direta. O que se vê é que o próprio conceito teológico de comunhão acaba, muitas vezes, assimilando por completo o conteúdo dos relacionamentos interpessoais ou jogando-os para dentro de contextos específicos como: encontros de confraternização, passeios, grupos de convívio.

Nesse sentido, três perguntas surgem aqui: 1^a) O que faz dos

relacionamentos interpessoais algo relevante para uma comunidade cristã? 2ª) Quais os fundamentos e as características bíblicas que os norteiam na prática comunitária? 3ª) De que forma eles podem contribuir para a edificação de comunidade? Para respondê-las, procurou-se trabalhar o tema em três capítulos distintos, porém, interdependentes com relação ao conteúdo.

No primeiro capítulo, a proposta é apresentar *uma compreensão epistemológica dos relacionamentos interpessoais*, isto é, uma análise do tema sob a ótica das Ciências Sociais e Humanas. O objetivo é compreender o que torna os relacionamentos relevantes na vida em sociedade, principalmente quando se tem como pano de fundo a atual conjuntura social, marcada pelo individualismo e superficialidade nas relações.

A partir disso, o segundo capítulo visa realizar uma *análise bíblico-teológica dos relacionamentos interpessoais*. A proposta é montar um “mapa conceitual” dos relacionamentos, principalmente sob a perspectiva neotestamentária da mutualidade cristã. Para isso, buscar-se-á analisar alguns termos-chave bíblicos e discutir temas teológicos que possam fundamentar a prática dos relacionamentos e norteá-los quanto à sua relevância em uma comunidade cristã.

Por fim, o último capítulo tem por finalidade tratar da *relevância dos relacionamentos interpessoais para a edificação de uma comunidade cristã*. A ideia é trabalhar o tema na perspectiva prática, interligando as análises epistemológicas e bíblico-teológicas. Para tanto, pretende-se analisar o conteúdo teológico da edificação e apresentar alguns desafios na área do culto, do ensino e da vida comunitária, nos quais a mutualidade cristã possa se fazer presente por meio de relacionamentos marcados pelo amor fraternal e alicerçados na comunhão com Deus. Dessa forma, crê-se que, de

fato, os relacionamentos interpessoais tenham muito a contribuir para a edificação do Corpo de Cristo.

I. UMA COMPREENSÃO EPISTEMOLÓGICA DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Falar de relacionamentos interpessoais é tocar num assunto de extrema importância para o mundo atual. Ele tem se tornado fator importante no mundo dos negócios, nos diálogos internacionais, no âmbito da saúde, da terapia, entre outros. Nesse sentido, as Ciências Sociais e Humanas acabam trazendo subsídios que contribuem para um melhor entendimento dessa forma específica de interação social, também presente em uma comunidade cristã.

1. Conceituação geral

De início, a palavra relacionamento pode ser definida como uma interação entre duas partes distintas.² No âmbito das relações sociais, ela se dá entre duas ou mais pessoas, daí a expressão *relacionamentos interpessoais*. Assim, do ponto de vista da Sociologia, todo e qualquer tipo de relação humana é visto como uma forma de interação em que as pessoas se influenciam mutuamente, ou até consigo mesmas, geralmente por meio da comunicação.³ Por

Dicionário Barsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Barsa, 2006, p. 890.

² BECKER, Howard. “Interação Social”. In: Howart Becker. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 624.

³ Para G. H. Mead, “a comunicação linguística e o conviver com outras pessoas

isso, “as relações interpessoais formam várias cadeias sociais que fazem de um grupo um fenômeno sociológico dinâmico, e não uma simples coleção de indivíduos”.⁴

Tal dinamicidade é defendida também pela escola psicodinâmica,⁵ que designa as relações interpessoais como “tudo o que se passa entre uma pessoa e outra (ou outras) a guisa de percepção, avaliação, compreensão e modo de reagir”.⁶ Em suma, os relacionamentos interpessoais se baseiam na convivência entre pessoas que se aproximam em busca de algo em comum, que faça sentido, como companheirismo e reciprocidade afetiva. Entretanto, quando o valor dos relacionamentos é posto de lado ou distorcido, a problemática do tema aparece no horizonte das discussões sociais.

2. A problemática do tema

A busca por relacionamentos expressivos sempre esteve presente na história da humanidade. Afinal, o ser humano é um ser relacional. Contudo, desde o final do século XIX, a temática a respeito dos relacionamentos interpessoais tem recebido destaque na pauta de discussões. Fatores como a crise social, política e religiosa gerada pelas duas grandes Guerras Mundiais, o avanço científico e tecnológico, e, principalmente, o advento da cultura pós-moderna, contribuíram para que a busca por relacionamentos satisfatórios

são as condições básicas da socialização da pessoa”. Apud SCHWAMBACH, Claus. *Ética: apostila de Teologia Sistemática IV*. N° 3 (material não publicado), p. 13.

4 Lundberg, apud, VOLKART, Edmund H. “Relações Interpessoais”. In: Edmund H. Volkart. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 1055.

5 Escola que se fundamenta nos princípios da Psicologia Social.

6 Edmund VOLKART, op. cit., p. 1055.

tenha se tornado uma das maiores necessidades do ser humano atual.⁷ Pode-se dizer também, que:

“A economia capitalista, dinâmica e tecnologicamente inovadora, colabora para reforçar a cultura do individualismo e isolamento; favorece a formação de uma sociedade com pessoas egocentradas, com frágil conexão entre si e que buscam satisfazer apenas as próprias vontades e necessidades”.⁸

Em certa medida, o individualismo se tornou a marca da cultura moderna, que se apropriou dos legados idealizados pela renascença e pelo iluminismo. A elevação do ser humano ao centro do mundo colocou-o também na posição de incapacidade de se relacionar com o próximo, sem que antes essa relação lhe assegurasse algum sentido para si mesmo e para sua autorrealização. A total autonomia do ser humano como sujeito da história o levou a relacionamentos, de igual modo, autônomos. Essa realidade, porém, não foi aniquilada pela sociedade do século XXI. A nova conjuntura, presente nos dias de hoje, não rejeitou demasiadamente a modernidade, mas tem procurado superá-la por uma nova maneira de ver e ler o mundo.

Assim, na era pós-moderna, não reina mais o determinismo, nem o mecanicismo nas relações, mas sim, o funcionalismo, o utilitarismo, o imediatismo e a busca pela eficiência.⁹ Ao romper

Essa busca por relacionamentos significativos, diferente de outras épocas, tem se tornado uma compulsão nas últimas décadas, fruto do descrédito de todos os referenciais e princípios tradicionalmente aceitos pela sociedade moderna como absolutos. PARROTT, Les e Leslie. *Relacionamentos: orientações práticas para enriquecer todo tipo de relacionamento*. São Paulo: Vida, 1999, p. 9, chama esse desejo atual de “compulsão por plenitude”.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 26.

WESTPHAL, Euler Renato. *O Oitavo Dia: na era da seleção artificial*. São

com a história, com a tradição e com os absolutos, o espírito pós-moderno cria um ambiente cultural marcado pelo vazio existencial, pela fragilidade da vida e pelo relativismo, no qual a emoção e a intuição subjetiva do indivíduo são valorizadas em meio a um pluralismo social, ou seja, um individualismo comunitário – tribal.¹⁰ Aqui se buscam, de forma coletiva, interesses, crenças e valores próprios de cada um dos indivíduos envolvidos, fazendo com que haja uma fragmentação da sociedade em “culturas e subculturas que lutam entre si e não se entendem mutuamente”.¹¹ De acordo com Stanley Grenz,

“a cosmovisão pós-moderna opera com um entendimento da verdade embasado na comunidade. Assim, o que quer que aceitemos como verdade, e até mesmo o modo como a vemos, depende da comunidade da qual participamos. Além disso [...] a cosmovisão pós-moderna afirma que essa relatividade se estende para além das nossas *percepções* da verdade e atinge sua essência: não existe verdade absoluta; pelo contrário, a verdade é relativa à comunidade da qual participamos”.¹²

Essa problemática que emerge nos cenários dos relacionamentos interpessoais também tem atingido as comunidades cristãs. De acordo com o pastor Paulo Real, os esforços atuais para se desenvolver relacionamentos saudáveis vêm sofrendo sérios abalos da violência dos grandes centros urbanos, do excessivo

9

Bento do Sul: União Cristã, 2004, p. 17, et. seq.

10 GRENZ, Stanley J. *Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 20 et. seq.

11 VEITH, Gene Eduart Jr. *Tempos Pós-Modernos. Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 138.

12 Stanley GRENZ, *Pós-Modernismo*, p. 21.

apego à mídia e das facilidades eletrônicas,¹³ que por sua vez, têm contribuído para a diminuição da convivência interpessoal, bem como, tornado os relacionamentos cada vez mais artificiais.¹⁴ Um exemplo claro dessa superficialidade nas relações sociais é a febre dos *sites* de relacionamento virtuais. Só no Brasil, por exemplo, as redes sociais da internet congregam cerca de 29 milhões de brasileiros por mês.¹⁵ E se engana quem crê que tais relacionamentos suprem as reais necessidades afetivas das pessoas, como a aproximação e o sentimento de pertença. Na verdade, as relações virtuais “supostamente tentam proteger as pessoas de decepções, quando na verdade não geram vida”.¹⁶

3. A relevância dos relacionamentos interpessoais

Dentro de toda a problemática levantada, o que de fato não muda é que o convívio social foi e continua sendo decisivo para o desenvolvimento da humanidade. Para a sociologia está claro: o contato social é base da vida social.¹⁷ O ser humano não tem como escapar dos relacionamentos. Ele se vê, desde seu nascimento até sua morte, constantemente envolvido por pessoas. Nesse envolvimento, quaisquer que forem os atos realizados – falar ou silenciar, importar-se ou tratar com indiferença –, serão ações relacionais. Na era do mapeamento genético, é possível até se falar de um “DNA dos

13 Caixas eletrônicas, secretárias eletrônicas, e-mails, interfones, celulares, etc.

14 REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003, p. 9.

15 SCHELP, Diogo. *Sozinho.com?* Disponível em: <<http://www.iboep.com.br>>. Acesso em: 17/08/2009.

16 Paulo REAL, *Relacionamentos na Igreja*, p. 10.

17 OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 26.

relacionamentos” que impulsiona o ser humano desde o ventre materno a se relacionar com o outro.¹⁸

Sendo assim, os relacionamentos interpessoais não possuem relevância apenas para a vida em sociedade, mas também implicações para a pessoa como indivíduo.¹⁹ Parrot, por exemplo, é contundente ao afirmar que “não há nada tão forte, tão arraigado na personalidade humana quanto os relacionamentos”.²⁰ Eles estão em contraposição à ideia de que os indivíduos são entidades isoladas, autossuficientes, e não dentro de suas relações com outras pessoas. Conforme Harry Stack Sullivan, mundialmente reconhecido como o mais original e distinto teórico americano em psiquiatria dinâmica,²¹ uma pessoa “não pode ser compreendida [...] apartada do modo pela qual se relaciona com os outros”.²² Pode-se dizer que o inverso também é verdadeiro. Um relacionamento interpessoal não pode ser compreendido se as pessoas envolvidas não se entendem como coparticipantes e cooperadores desse processo interativo. A interpessoalidade só ganha sentido, quando o objetivo desta deixa

18 SMALLEY, Gary. *O DNA dos Relacionamentos: descubra que você foi projetado para relacionamentos satisfatórios*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 15.

19 Segundo Max-Neef, diversos aspectos como afeto, amizade, valorização, respeito, solidariedade, sentimento de pertença estão entres as principais necessidades humanas segundo categorias existenciais. Conferir tabela completa em: PADILHA, René C.; YAMOMORI, Tetsunao (eds). *El Proyecto de Dios y Las Necesidades Humanas*. 2. ed. Buenos Aires: Kairós, 2003, p. 42-43.

20 PARROTT, Les e Leslie. *Relacionamentos: orientações práticas para enriquecer todo tipo de relacionamento*. São Paulo: Vida, 1999, p. 9.

21 Sullivan iniciou a primeira das assim denominadas comunidades terapêuticas e resgatou o conceito de autoimagem. Além disso, definiu personalidade como “o padrão relativamente duradouro de relações interpessoais” que caracterizam a vida. Cf. *Psiquiatria Geral. Outras Escolas Psicodinâmicas: Harry Satack Sullivan*. Disponível em: <<http://www.mentalhealth.com.br>>. Acesso em: 30/10/2009.

22 Edmund H. VOLKART, *Relações Interpessoais*, p. 1055.

de ser uma busca por autorrealização,²³ para tornar-se, uma busca por “conexão”.²⁴

Nesse contexto, a amizade é a forma de convívio mais favorável para a discussão, proporcionando a visualização de características norteadoras dos relacionamentos interpessoais. Como diria o poeta Joseph Addison, a amizade é “o grande tempero da vida”.²⁵

Não há dúvida de que a amizade é uma forma de relacionamento importante para o desenvolvimento social, emocional, cognitivo das pessoas. Muito tempo antes do surgimento das ciências humanas, Aristóteles já afirmara que a amizade “é uma das necessidades mais compensadoras da vida”²⁶ e um parâmetro promotor de qualidade de vida, bem-estar e longevidade.²⁷ Estudos epidemiológicos, por exemplo, “demonstram que indivíduos socialmente integrados vivem mais”.²⁸ Além disso, pesquisas no campo da psicologia social apontam para a amizade como um dos três tipos de relacionamentos – ao lado da família e do romance – mais relevante para se obter

23 Les e Leslie PARROTT, *Relacionamentos*, p.18.

24 CRABB, Larry. *Conexão: o poder restaurador dos relacionamentos humanos; o plano de Deus visando a cura emocional*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 12, defende a ideia de que a conexão é a base do relacionamento como um poder terapêutico por meio do convívio e do compartilhar de “nutriente” pessoais dados por Deus em prol da cura emocional do próximo.

25 Joseph Addison, apud, Les e Leslie PARROTT, *Relacionamentos*, p.75.

26 GOFFI, T. “Amizade”. In: PIORES, Stefano e GOFFI, Tullo (org). *Dicionário de Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993, p. 13.

27 NAHAS, Markus V. *Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 4. ed. rev. e atual. Londrina: Midio”graf, 2006, passim.

28 SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. “Relacionamentos Pessoais e Sociais: amizade em adultos”. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 13, n. 2, 2008, p. 258.

felicidade.²⁹ A amizade então é esse relacionamento peculiar entendido como sinônimo de convivência, aproximação e afeição. É a “ligação afetiva condicionada por atitudes recíprocas”.³⁰ Em outras palavras, é a relação dinâmica e pessoal “que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes [...] buscam a companhia uma da outra”.³¹

Nessa busca por companheirismo, diversos aspectos de similaridade inevitáveis e importantes para o desenvolvimento e manutenção dos relacionamentos podem ser identificados. Dentre eles: abertura, aceitação, acessibilidade, aconselhamento, altruísmo, aparência física, autenticidade, autovalidação, compreensão, compromisso, comunicação, confiança, confidência, conformidade ao grupo, contato físico, cooperação, dedicação mútua, dependência, disponibilidade, espontaneidade, estabilidade, habilidades sociais, honestidade, interdependência, proximidade, reciprocidade, respeito e tolerância.³²

Todavia, há também finalidades nos relacionamentos de amizade. Segundo Parrot, os amigos quebram o isolamento e a solidão, enriquecem a rotina, duplicam as alegrias e dividem as tristezas, dão companhia, apoio e auxílio no crescimento pessoal, e fazem bem à existência como um todo.³³

Por esses motivos, fica claro que a amizade é o tipo de relacionamento interpessoal que desempenha um papel de suma

29 SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. “Amizade na Aduldez: Fatores individuais, ambientais, situacionais e diádicos”. In: *Interação em Psicologia*. Curitiba, v. 12, n. 1, 2008, p. 77.

30 Dicionário Barsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Barsa, 2006, p. 890.

31 Fehr, apud Luciana K. SOUZA; Claudio S. HUTZ. *Relacionamentos*, p. 259.

32 Argyle apud Luciana K. SOUZA; Claudio S. HUTZ. *Relacionamentos*, p. 259.

33 Les e Leslie PARROTT, *Relacionamentos*, p. 77.

importância no que se refere à vida comunitária, desenvolvendo um ambiente de segurança e proteção no suporte das ansiedades e medos, proporcionando “um forte senso de identificação e exclusividade com experiências compartilhadas”.³⁴ Como característica norteadora fundamental, tem-se a mutualidade.

4. O fator mutualidade

O termo mutualidade vem do latim *mutuum*, que designa toda relação de troca e empréstimo baseado na reciprocidade. No sentido próprio da palavra, significa o “dinheiro obtido por empréstimo”.³⁵ Seu uso primário está diretamente ligado ao campo das relações econômicas, sob a ótica das associações cooperativas – sociedades de caráter mútuo que se formam em prol de benefícios em comum utilizando métodos mais ou menos consensuais.³⁶ Na Idade Moderna, com o renascimento comercial e o surgimento das cidades, o mutualismo se tornou uma teoria econômica de igualitarismo, que mais tarde atingiria o Direito Civil por meio das obrigações bilaterais entre os contratantes.³⁷ Sendo assim, a mutualidade fundamenta

34 Bell, apud Luciana K. SOUZA; Claudio S. HUTZ. *Relacionamentos*, p. 260.

35 FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991, p. 351. Daí também a expressão *permuta* (troca, câmbio) – contrato pelo qual as partes se obrigam a dar uma coisa por outra que não seja dinheiro.

36 Conforme QUEIROZ, Ricardo Canguçu Barroso de. *Sobre as Mutualidades*. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/artigos/2000/barroso/mutualidades.htm>>. Acesso em: 2/08/2009, tais sociedades já eram comuns na Grécia Antiga nos séculos V e VI, com os benefícios que se relacionavam aos direitos funerários. Em Roma, estas associações eram denominadas de “Collegium”.

CACHERO, Luiz Afonso Martínez. “Reciprocidade”. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 37 1033.

toda operação corporativa de acordo com outros quatro princípios: democracia, liberdade, responsabilidade e solidariedade.³⁸ Contudo, é na área das Ciências Sociais que o termo é reinterpretado para dentro do contexto das relações humanas.

Na Sociologia, o termo mutualidade é visto como sinônimo de reciprocidade e sempre na perspectiva inter-relacional (eu-tu/contexto).³⁹ Nesta, o altruísmo se destaca como base de toda cooperação e oposto do egoísmo e também do hedonismo, classificado como um pseudo-altruísmo, no sentido de um voltar-se ao outro como meio para se aumentar o próprio bem-estar.⁴⁰ Apesar dessa diferenciação, o altruísmo não escapou da crítica moderna determinista. Em termos evolutivos/biológicos, por exemplo, o altruísmo é definido como “redução da aptidão própria para aumentar a aptidão dos outros”.⁴¹ Já em termos psicológicos, é visto como teoria motivacional em prol do outro, pelo simples valor que o outro tem como pessoa, não descartando a possibilidade de autorrealização.⁴²

Essas compreensões não são de todo descartáveis. Não se pode negar, num primeiro momento, que nas relações sociais, o aspecto da reciprocidade esteja ligado a uma busca por benefícios em comum, ou por consensos. Todavia, em se tratando de relacionamentos interpessoais, o princípio da mutualidade procura fugir da regra da causalidade e da lógica capitalista de mercado. Segundo o psicanalista peruano Saúl Peña Kolenkautsky,

38 Ricardo QUEIROZ, loc.cit.

39 Luiz A. M. CACHERO, loc. cit.

40 DEMO, Pedro. “Debate do igualitarismo”. In: Pedro Demo. *Introdução à Sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e Desigualdade Social*. São Paulo: Atlas, 2002, p. 134.

41 Ibid, p. 137.

42 Ibid, p. 138.

“a mutualidade é algo que associa à liberdade, não somente a minha, mas também à do outro. Ou seja, quando se faz alguma coisa, [sic] não para receber necessariamente a retribuição por aquilo que você pode dar ou de, mas sim pelo próprio valor e significado que tem o estar comprometido, envolvido, vivendo esta experiência. [...] A mutualidade ocorre quando gera um sentimento em que está implícita a liberdade de cada um, uma confiança, [...] um reconhecimento de que esta pessoa está com você e você com ela em uma situação de liberdade. Este sentimento de mutualidade se refere ao fato de ambos estarem sintonizados em uma relação a dois, pois mutualidade significa que estão compartilhando algo [...]”.⁴³

Isso significa que a mutualidade, como característica norteadora dos relacionamentos interpessoais, não se resume em uma simples reciprocidade de benefícios entre as partes envolvidas, mas num compartilhar e reconhecer, de forma respeitosa e altruísta, o valor de cada pessoa. Sua função está justamente em promover a interpessoalidade dos relacionamentos. Isso implica aproximação, convivência, cooperação, afeição e dedicação.

Por fim, os benefícios da prática da mutualidade não só atingem as pessoas envolvidas, mas também os ambientes e os contextos comunitários nos quais estão inseridas, dentre eles, os relacionamentos em uma comunidade cristã. Sendo assim, faz-se necessário aprofundar o tema por meio de uma abordagem bíblico-teológica, levando em consideração a perspectiva neotestamentária da mutualidade e de aspectos que a envolve e a fundamenta.

43 KOLENKAUTSKY, Saúl Pena. *Naturalidade, mutualidade e tãatos terapêutico*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs17/p17_16.htm>. Acesso em: 2/08/2009.

ANÁLISE BÍBLICO-TEOLÓGICA DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

A tese, até aqui comprovada pelas Ciências Humanas e Sociais, de que o ser humano é um ser relacional, é uma premissa que, no âmbito da Teologia, já há mais de dois mil anos é atestada pelas Escrituras Sagradas. Não se trata apenas de uma característica natural ou biológica, mas de um aspecto existencial do ser humano. De acordo com o testemunho bíblico, ele foi criado para se relacionar, para viver em comunidade e exercitar a mutualidade com seus semelhantes, tendo como marca registrada o próprio amor de Deus.

1. O ser humano como sujeito dos relacionamentos

Em toda a Bíblia, o ser humano pode ser percebido como um ser que interage; que vive a partir de seus relacionamentos. Ele não é concebido desconectado das pessoas, do seu meio, de si mesmo e muito menos de Deus.

1.1. O ser humano como ser relacional

A necessidade do ser humano de se relacionar não parte apenas de uma lei natural, biológica ou do puro desejo humano, mas é algo concernente à sua própria existência como criatura. Conforme o relato de Gênesis 1.26, Deus criou o ser humano, homem e mulher, à sua *imagem* (צלם) e *semelhança* (דמות). Isso significa que o ser

humano não é uma emanção divina, nem fruto do acaso, mas boa obra da ação criadora do Deus Único e Todo-Poderoso (Gn 1.31; Êx 6.3).

Como *imago Dei*, o ser humano foi constituído como representante de Deus na terra⁴⁴ e “mordomo da criação” (Gn 1.26-31; Gn 2.15). Os primeiros passos relacionais do homem são conhecidos no fato de ele estar inserido na criação de Deus, o que implica, em primeiro lugar, uma *correspondência* com o Deus Criador e, em segundo lugar, com as coisas criadas por Ele.⁴⁵ Esta é a essência e finalidade do ser humano: relacionar-se com Deus e, a partir disso, relacionar-se com seus semelhantes e com o meio ambiente, expressando-se como *imago Dei*.⁴⁶

Longe dessa matriz relacional, só resta um tipo de relacionamento: aquele baseado no egocentrismo antropológico, no qual “o ser humano que se tornou igual a Deus vive de origem própria”.⁴⁷ Ou seja:

“Um relacionamento do ser humano consigo mesmo desvinculado do relacionamento com Deus e com os seus semelhantes só existe pela igualação do ser humano a Deus na separação. A própria consciência inverte esta ordem. Ela faz o relacionamento com Deus e com os semelhantes surgir do relacionamento do ser humano consigo mesmo.

44 Os dois termos hebraicos, צֶלֶם (*tselem* - estátua) e דְּמוּת (*demut* - cópia) procuram mostrar o ser humano como uma estátua representativa de Deus no mundo. Deus cria o ser humano como *sua imagem e semelhança* para mostrar sua soberania sobre a Criação. WIESE, Werner. *Ética Fundamental: critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã, 2008, p. 66.

45 WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 212. De igual modo, WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005, p. 112, afirma que “a criatura humana foi projetada para que correspondesse a Deus na sua condição de intermediária entre o mundo e o Criador”.

46 Werner WIESE, op. cit., p. 64.

47 BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 16.

[...] Esta inversão é a pretensão do ser humano que se fez igual a Deus em sua noção do bem e do mal”.⁴⁸

De fato, a pretensão humana inverteu os papéis dos relacionamentos. Todos passaram a estar alicerçados na autocompreensão do ser humano como sendo seu próprio deus que, encurvado em si mesmo,⁴⁹ define suas ações a partir de seus próprios desejos de autorrealização. Contudo, apesar de a realidade do pecado marcar a vida e os relacionamentos do ser humano caído, este não deixou de ser imagem de Deus (Gn 9.6), e, por conseguinte, um ser relacional. Ademais, Deus, em sua soberania, sempre buscou vir ao encontro da criatura humana a fim de que pudesse viver seus relacionamentos conforme a vontade do Criador.⁵⁰

Exemplo disso são os Dez Mandamentos. Estabelecido dentro da *aliança* de *Iahweh* para com Israel, o Decálogo é muito mais do que um conjunto de regras individuais. Antes, é fonte de instrução ética e de convívio do povo de Deus.⁵¹ Sua base encontra-se na adoração exclusiva a *Iahweh* (Êx 20.1-5; Dt 6.4-5).⁵² Tal característica também é enfatizada no código de leis do

48 Id., *ibid.*, p. 19.

49 Essa expressão foi acertadamente utilizada por Lutero a fim de descrever a real condição do ser humano pós-queda, que “verga sobre si não só todos os bens corporais, mas também os bens espirituais” (WA 56,356 – *hominem describit incurvatum in se adeo...*). Cf. LUTERO, Martinho. “Carta aos Romanos”. In: Martinho Lutero. *Obras Selecionadas*. Vol. 8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2002, p. 287.

50 Sob a perspectiva bíblica pode-se afirmar que a história da humanidade é a história do relacionamento do ser humano com Deus e deste com o ser humano.

51 SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 114.

52 A própria divisão das tábuas da lei enfatiza, na primeira, o relacionamento do homem para com Deus como base e, na segunda, o relacionamento interpessoal como fruto do amor a Deus.

Deuteronômio – e, mais tarde, no “Grande Mandamento do amor” (Mt 22.36-38) – no qual a exclusividade de Deus abrange a totalidade do comportamento humano.⁵³ Em todos os casos, os mandamentos de Deus estão fundamentados no seu amor e procuram revelar seu caráter e sua vontade, tornando-se, desse modo, princípios de vida que enfocam tanto o relacionamento entre homem e Deus como os relacionamentos interpessoais.⁵⁴

No cerne da questão, visto agora na perspectiva do NT, está o desejo do Deus Triúno em reconciliar consigo o ser humano caído. Toda a Trindade está envolvida no resgate da humanidade para que este possa novamente se compreender como imagem de Deus e viver em novidade de vida como embaixador da reconciliação (2Co 5.18-20). É por esse motivo que Deus se comprometeu de forma pessoal e radical com a humanidade por meio de seu único Filho, Jesus Cristo (Jo 3.16). Nele se tem a imagem perfeita de Deus (2Co 4; Cl 1.15; 3.10), o novo Adão, pelo qual todos que creem serão vivificados (1Co 15.22; 45), terão acesso ao Pai (Jo 14.6), e participarão da nova e definitiva aliança estabelecida e oferecida por Deus à humanidade (Jr 31.31; Mt 26.28 par; 1Co 11.25; 2Co 3.6; Hb 9.15; 12,24).

Dessa forma, o mesmo amor que une as três pessoas da trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – e promove o relacionamento entre si, é também fonte da criação, sustentação e reconciliação do ser humano, bem como de seus relacionamentos (1Jo 4.11-16), pois está alicerçado na maravilhosa Graça de Deus. Esta, por sua vez, chama o ser humano ao arrependimento e à fé, fazendo-o nova criatura (2Co 5.17), liberto de si mesmo e livre para se relacionar a

53 SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 130.

54 RICHARDS, Lawrence. *Comentário Bíblico do Professor*. São Paulo: Vida, 2004, p. 110 et. seq.; SCHMIDT, op. cit., p. 130.

partir do amor do Pai.

A base, então, de todo relacionamento humano, seja com Deus, com as pessoas, com a criação ou consigo mesmo é estabelecida pelo próprio Deus Triúno em seu amor para com a humanidade. A partir disso, é possível compreender outro ponto: Deus não só cria o ser humano como um ser relacional, mas o faz também como um ser comunitário.

1.2. O ser humano como ser comunitário

Todo e qualquer relacionamento humano acontece praticamente dentro de uma comunidade.⁵⁵ Nela o ser humano se compreende tanto como sujeito dos relacionamentos, como seu objeto, pois ali há espaço para a convivência de um com os outros.

Conforme o testemunho bíblico, foi Deus quem possibilitou o primeiro vínculo relacional entre seres humanos: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18).⁵⁶ Deus constata que é indesejável para o homem viver só, ele precisa de uma mulher (Gn 2.21-25). Quando analisado a partir das relações de amizade, o relacionamento do primeiro casal passa a servir como ponto de partida para a necessidade humana de viver

⁵⁵ Levando em conta o propósito desta pesquisa, utilizar-se-á o termo “comunidade”, em vez de “sociedade”, pois esta denota uma reunião ou associação de pessoas em torno de objetivos comuns. Já “comunidade” procura designar o “viver em comum”, o “espaço de proximidade física entre as pessoas onde se criam vínculos sociais mais significativos”. Cf. OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000.

⁵⁶ Os relacionamentos humanos (a começar entre o homem e a mulher) são colocados na mesma base da relação entre ser humano e Deus. Para W. Eichrod, apud SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 2001, p. 239, o encontro entre os seres humanos como pessoas “leva um a viver para o outro em cooperação responsável que extrai sua força do encontro que eles têm com Deus”.

em parceria e companheirismo com seu próximo. Nesse sentido, complementaridade e mutualidade são aqui termos propícios não só para expressar a relação entre os diferentes sexos, mas também para caracterizar todos os demais relacionamentos humanos que se seguem, seja entre familiares e amigos, seja entre senhores e escravos, ou até mesmo com os inimigos.⁵⁷

No antigo Israel, o ser humano como indivíduo sempre foi visto enquadrado em uma estrutura comunitária ou social, em que a ideia básica é a da irmandade (ou fraternidade).⁵⁸ O que havia era uma correlação entre indivíduo e comunidade sob um alicerce comum fazendo com que todas e quaisquer relações interpessoais tivessem caráter familiar (de irmão para irmão).⁵⁹

Enquanto que o israelita se conhecia como indivíduo, não em si mesmo, mas como membro de um conjunto no qual vivia, o povo, por sua vez, se via como uma pessoa global.⁶⁰ Todavia, tal

57 Esta ordem sociológica é trazida por WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 210 et. seq.

58 Josué 7.16-18 traz um resumo elucidador quanto às estruturas sociais básicas de Israel: A família (בית - *bait*) constituía uma parentela (משפחה - *mishpat*), que por sua vez constituía as tribos (שבט - *shevet*), que constituíam um povo (עם - *am*). Após o exílio babilônico, nada restou dessa estrutura. O que se formou foi uma comunidade de fé (עדה - *'eda*) dirigida pelos sacerdotes e por um conselho de anciãos, sempre sob a vigência de um governo externo. WOLFF, op. cit., p. 279.

59 Esta correlação é pressuposta nas estruturas sociais de Israel a partir dos termos hebraicos גוי (*goy* - nação) e עם (*am* - povo) e dos nomes bíblicos como, por exemplo, Caim/quenitas; Esaú/Edom; Jacó/Israel; que, ao mesmo tempo, representam indivíduos e povos/nações. Para J. Scharbert, uma característica inerente nessa correlação é o *solidarismo* (reciprocidade entre os indivíduos na vida comunitária), em contraposição ao *coletivismo* (soma de indivíduos). PREUSS, Horst Dietrich. *Teología del Antiguo Testamento: Yahvé, elige y obliga*. Bilbao: Descleé, 1999, v.1, passim.

60 Segundo EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnus, 2004, p. 26, havia uma “*consciência de solidariedade*”, fundamentada na perspectiva veterotestamentária da *aliança* de Deus com a humanidade, típica

consciência de irmandade e reciprocidade atingia os israelitas para além dos limites das instituições sociais e civis.

Por isso, o povo de Israel se entendia também como povo de Deus, eleito e separado por *Iahweh*.⁶¹ Cada indivíduo era chamado a se congregar em assembleia para adorar e exaltar o Deus da Aliança, e para atentar para os seus mandamentos e suas promessas. (Cf. Êx 12.16; Sl 22.22,25; 89.7; Jl 1.14). A congregação (קהל ou עדת) era o espaço precioso para que os relacionamentos interpessoais entre os da casa de Israel, ou melhor, entre o povo de Deus, fossem fomentados a partir da fé em *Iahweh*.⁶² Em todos os casos, transparece a ideia de que o homem, como ser comunitário, é convidado a viver suas relações interpessoais a partir do sentimento de mútuo pertencimento. Ao passo que ele representa a totalidade de seu grupo de forma responsável e consciente, suas atitudes privadas devem ser reflexos da vida em comunidade.⁶³

da coalizão das tribos de Israel. Nessa aliança, o ser humano sempre é visto diante de Deus e da responsabilidade de se empenhar pelo bem da totalidade. Na mesma linha, BRIGHT, John. *História de Israel*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 182 et seq, diz que é no nome de *Iahweh* e na sua vontade manifestada na aliança que as tribos encontraram o laço de união, e também o sentido perene dos relacionamentos entre os indivíduos.

61 BRIGHT, John. *História de Israel*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 186-87.

62 O termo קהל (*qahal*) sugere uma convocação para uma reunião ou assembleia em torno de objetivos comuns entre os participantes. Por isso traz consigo a ideia reflexiva de um grupo que se reúne. No AT קהל é muito utilizado para expressar um ajuntamento comunitário ou um corpo organizado em adoração a *Iahweh*, sendo traduzido pela Septuaginta como sinônimo de igreja e sinagoga. Na mesma linha, עדת (*'eda*), procura expressar a congregação reunida, seja uma pequena comunidade, seja todo o povo. Esse termo foi muito utilizado pela comunidade de *Qumran* e também traduzido na língua grega por sinagoga. De 'עדת provém outro termo, *mo'ed*, que tende a significar assembleia adoradora. Cf. HARRIS R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

63 EICHRDODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnus, 2004, p. 685-87.

Tal aspecto perpassa todas as épocas da história de Israel – das tribos às sinagogas – e culmina em um novo conceito: a “comunidade de fé” – característico das comunidades judaicas do protocristianismo; autodefinidoras das primeiras comunidades cristãs; e essência da Igreja de Jesus Cristo.

2. A igreja como ambiente dos relacionamentos

A dimensão do povo de Deus, reunido como comunidade de fé solidária e fraterna no AT, não é negada no NT. Pelo contrário, é reafirmada a partir de um conceito que não fica só no campo teórico, mas é corporificado na Igreja de Jesus Cristo.

2.1. A igreja como comunidade cristã: o conceito ἐκκλησία

Dos primeiros relatos da igreja primitiva encontrados no livro de Atos dos Apóstolos, aos diversos contextos eclesiásticos registrados nas cartas de Paulo, percebe-se que há certa continuidade e descontinuidade entre AT e NT quando o assunto é vida comunitária.

Na compreensão grega secular, ἐκκλησία – termo neotestamentário para “igreja” – denotava “a assembleia dos cidadãos de uma cidade com objetivos legislativos ou deliberativos”.⁶⁴ Essa compreensão sociológica não foi de todo abandonada pelo testemunho bíblico, porém, o termo emprestado do contexto civil helenístico pressupõe, antes de tudo, a concepção veterotestamentária

⁶⁴ MacKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 432.

de assembleia (ἐκκλησία).⁶⁵ Nesse sentido, ἐκκλησία pode ser entendido teologicamente como termo paralelo à “assembleia do povo de Deus”, em relação a Israel, ou à “sinagoga”, que representava a assembleia cültica dos judeus.⁶⁶ Por isso, diz-se que o antigo povo de Israel vem a ser o precursor do novo Povo de Deus (1Pe 2.10, Gl 6.16).

Contudo, a essência dessa nova realidade, dessa nova congregação, está fundamentada não mais na antiga aliança da Lei ou nos rituais, mas na fé em Jesus Cristo e na nova aliança promovida por Ele (1Co 3.10; Ef 2.20). Dessa forma, a igreja não representa uma sinagoga reformada, mas uma “comunhão de todos os santos”,⁶⁷ de todos os que são “chamados para fora” do mundo sem Deus⁶⁸ e para fora de si mesmos em prol do evangelho e da edificação mútua dos irmãos na fé.⁶⁹ Como diria Lutero, é a *comunidade dos crentes*

65 Com base na Septuaginta, percebe-se uma forte ligação entre ἐκκλησία e o termo hebraico עֵקֶלֶסְיָהּ. Daí resulta o conceito de ἐκκλησία como uma comunidade, ou congregação comunitária de pessoas com objetivos comuns. No caso do NT: a fé em Jesus Cristo é que proporciona a união. STEGMANN, Ekkehard W. STEGMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 298.

66 COENEN, L. “ἐκκλησία”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 989-990.

67 Conforme Artigo VIII da CA: Da Igreja. Cf. *LIVRO DE CONCÓRDIA: As confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006, p. 32.

68 ἐκκλησία significa literalmente “chamar para fora” (ἐκ + καλεῖ). Isso significa, num primeiro momento, que a ἐκκλησία existe por ser constituída pela união de pessoas que ao ouvir o evangelho, “creem nele, saem de sua vida atual sem Deus, reúnem-se entre si e se associam para ser uma igreja” [grifo do autor]. WEYEL, Hartmut. *Meu Sonho de Igreja. Características da Igreja de Jesus Cristo: estruturas bíblicas e perfil moderno*. Curitiba: Esperança, 2003, p. 80.

69 Caso se entenda a ideia de igreja como grupo fechado em si mesmo, retornar-se-ia ao ponto nevralgico do ser humano encurvado em si mesmo, porém agora de forma coletiva (autorrealização coletiva).

em Cristo, a congregação “de todos aqueles que vivem na fé correta, na esperança e no amor [...] Isso significa uma unidade espiritual de fato [...]”.⁷⁰ É somente em Cristo, portanto, que o crente encontra uma realidade comunitária viva e orgânica que pode ser chamada de *comunidade cristã*. Nela todos têm em comum aquilo que é decisivo para a fé.⁷¹

2.2. A dinâmica do corpo de Cristo

A igreja, estabelecida pelo Espírito Santo com base na pregação dos apóstolos (At 2.42), é mais do que uma instituição sócio-religiosa ou um agrupamento de cristãos que concordam em certas ideias. Ela é, em primeiro lugar, um organismo vivo e dinâmico, que existe como uma realidade comunitária por ser concebida pelo Deus Triúno – Pai, Filho e Espírito Santo como comunidade de pessoas.⁷² Por esse motivo, a igreja enquanto comunidade cristã é retratada por Paulo como *Corpo de Cristo* (1Co 12.12; Ef 4.4; Cl 1.18).

Para Ray Stedmann, “a essência de um corpo está em que ele consiste de milhares de células, que compartilham mutuamente de uma vida”.⁷³ E a comunidade cristã não é diferente. Como corpo, no seu interior deve fluir vida em abundância que o faça se movimentar e crescer. A fonte de vida, porém, não está nos membros ou na união em si, mas em Cristo Jesus. Ele é quem une, sustenta, fortalece e guia suas comunidades por meio do Espírito Santo. Por isso, a tarefa da comunidade cristã não está em unir pessoas, mas em criar espaço

70 Cf. WA 5, 2.93, apud. Hartmut WEYEL, op. cit., p. 110-111.

71 Hartmut WEYEL, loc. cit.

72 SOUSA, Ricardo Barbosa de. *Janelas Para Vida: a espiritualidade do cotidiano*. Curitiba: Encontro, 1999, p. 16.

73 STEDMAN, Ray, C. *Igreja: corpo vivo de Cristo*. 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1991, p. 30.

para que haja unidade na diversidade.⁷⁴ Não é por acaso, também, que o NT descreve a vida das primeiras comunidades cristãs na perspectiva da convivência familiar.⁷⁵

Nesse sentido, a comunidade cristã quer ser local de coesão e intimidade. Um organismo em que os membros possam compartilhar da mesma vida de fé, esperança e amor, no qual o ser humano possa, a partir da reconciliação com Deus em Cristo, conviver com irmãos na fé de forma mútua, saudável e amorosa. Portanto, é na comunidade cristã que os relacionamentos interpessoais são promovidos, praticados, e os dons do Espírito fomentados “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do Corpo de Cristo, até que todos cheguem à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” (Ef 4.12-13a). E isso acontece na dimensão da comunhão!

3. A comunhão como dimensão dos relacionamentos

Conforme Paul Tournier, “existem duas coisas que não podemos fazer sozinhos: uma é casar e a outra é ser cristão”.⁷⁶ E de fato, o cristianismo não é mera fé individual. Ele só existe e só pode ser vivenciado dentro de uma comunidade, na dimensão da

74 Para análise completa do tema unidade na diversidade, Cf. STOTT, John R. W. *A Mensagem de Efésios*. 2. ed. São Paulo: ABU, 1987.

75 Conforme STEGMANN, Ekkehard W. STEGMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 316, “as comunidades crentes em Cristo orientavam-se, em sua autocompreensão ou suas relações sociais, pelo modelo da economia doméstica antiga ou da família nuclear”.

76 YANCEY, Philip. *Igreja: Por que me Importar?* 2. ed. São Paulo: Sepal, 2001, p.39.

comunhão bíblica. Esta tem a ver com aquela relação pessoal que os cristãos gozam com Deus e uns com os outros em virtude de estarem unidos a Jesus Cristo.

3.1. Deus, eu e o outro: o fator *κοινωνία*.

Considerado tipicamente paulino e central na teologia neotestamentária, *κοινωνία* é o termo que melhor define o conceito bíblico de “comunhão”.⁷⁷ Ele é derivado do substantivo *κοινός* (“comum”, “mútuo”, “parceria”) e procura expressar o sentido de “participação”, “partilha”. Portanto, *κοινωνία* é a “participação *em* algo” e não só a mera associação com alguém ou o simples convívio social entre pessoas.⁷⁸

No contexto do NT, *κοινωνία* é antes de tudo, a dimensão do relacionamento entre Deus e o ser humano e deste com seus semelhantes. Entrementes, o termo não se refere a uma fusão mística com Deus, mas à comunhão com Ele pela fé, (1Jo 1.3, 6,7). É o relacionamento da fé para com Cristo, da comunhão entre os crentes e o mútuo reconhecimento de estarem em Cristo.⁷⁹ Quem estabelece essa relação é o Espírito Santo, que habita em todo cristão, unindo-o a Cristo e a todos os que são de Cristo.⁸⁰

77 Ele está ausente nos sinóticos e João e aparece 13 vezes em Paulo.

78 R. P. Martin. “Comunhão”. In: DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 249.

79 J. Schattermann. “*κοινωνία*?”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 461, v. 1.

80 Conforme R. P. Martin. “Comunhão”. In: DOUGLAS, J. D. (org). op. cit., p. 249, na dimensão da comunhão, os cristãos participam conjuntamente de certas realidades objetivas e de laços unificadores, como por exemplo, a participação no corpo e sangue de Cristo no ato da Ceia. Essas realidades objetivas (como também a comunhão *com* o Filho ou *com* o Espírito) atestam que a comunhão cristã não é algo subjetivo ou uma realidade metafísica.

Κοινωνία é, por isso, partilhar do próprio Cristo exaltado. É “Cristo existindo como Igreja”.⁸¹ Nela, a pregação apostólica do evangelho exclui o orgulho sectário e promove a coparticipação e o compartilhar dos crentes em Cristo por meio de relacionamentos afetivos e amorosos (At 2.42; 4.32-37). Ela é, portanto, o próprio vínculo dinâmico de unidade entre os irmãos na fé, algo que perpassa toda a vida do crente.

3.2. A vida em comunhão

Viver a comunhão cristã não se trata apenas de vivenciar um momento estático e específico de ajuntamento comunitário.⁸² A comunhão é uma dádiva de Deus e, por isso, uma dimensão vital e *dinâmica* dos relacionamentos interpessoais em uma comunidade cristã. Sua base está no próprio vínculo de amor entre as três pessoas da Trindade. O Deus Triúno faz com que a comunhão seja também uma relação trina de amor entre Ele, o crente e seus semelhantes. Assim, é na proximidade do irmão na fé que há o reconhecimento do “gracioso sinal físico da presença do Deus triúno”.⁸³

81 Dietrich Bonhoeffer, apud. SCHWARTZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja*. Curitiba: Esperança, 2001, p. 135.

82 Em muitos contextos, essa realidade é enfatizada de forma tão unilateral, que se acaba concebendo a comunhão como um momento definido do culto cristão ou de uma reunião de irmãos, excluindo sua vivacidade e sua presença em todos os momentos da vida cristã. Sob a ótica do paradigma bipolar defendido por Christian Schwartz, a comunhão deve ser entendida tanto como um polo *dinâmico* quanto *estático*. O primeiro deve produzir o segundo e este deve estimular aquele. Para Schwartz, separar os dois polos seria correr o risco ou de cair num espiritualismo docético da comunhão, ou num sacramentalismo e enriquecimento da mesma. SCHWARTZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja*. Curitiba: Esperança, 2001, p. 136.

83 BONHOEFFER, Dietrich. *Vida e Comunhão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 11. Ver também REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003, p. 28.

Nesse sentido, a vida em comunhão acontece ali onde os relacionamentos e o mútuo pertencimento são promovidos por Cristo, em Cristo e para Cristo. Onde o convívio cristão está alicerçado na pessoa e obra de Jesus e no seu amor que redime e justifica o pecador arrependido, chamando-o para viver em comunhão consigo e com outros redimidos. Cristo, portanto, é o fator unificador e possibilitador da comunhão fraterna.⁸⁴

Não por último, vida em comunhão é *convivência espiritual* ou, como cunhou Bonhoeffer, é comunhão pneumática e não anímica.⁸⁵ Comunhão espiritual é aquela fundamentada na Palavra e na Verdade, que é Cristo. É a comunhão criada no e pelo Espírito Santo, na qual se vive o amor ágape, o serviço fraternal e a humildade entre irmãos. Nela não reina o imediatismo regido por interesses, instintos e desejos humanos de autorrealização, mas se vê o outro como semelhante. Nela também há espaço para a confissão de pecados, para a humilhação conjunta diante de Deus e para a restauração conjunta da parte de Deus.

Sendo assim, a comunhão cristã se constrói no dia-a-dia. Não em momentos esporádicos, mas na convivência diária que pressupõe respeito, serviço, valorização mútua e o amor de Deus, que “reconhece a verdadeira imagem do outro a partir de Cristo”.⁸⁶ Ela é a dimensão real e vital da experiência cristã do ser humano com Deus e do convívio diário de uns com os outros por meio do amor de Cristo. Em última análise, fica a compreensão de Juarez Marcondes Filho, descrita em seu livro “*Amar e Crescer*”:

84 BONHOEFFER, op. cit., p. 16.

85 Ibid., p. 21 et seq, em relação a todo o parágrafo em questão.

86 BONHOEFFER, Dietrich. *Vida e Comunhão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 24. Para aprofundar este aspecto da imagem de Deus no outro, conferir capítulo 4 da mesma obra.

“Por comunhão entendemos as relações fraternais que se estabelecem no seio da comunidade cristã e que garantem vínculos entre os membros da igreja a ponto de, não somente, tornarem prazerosa a convivência entre irmãos, como também marcarem o seu testemunho perante o mundo, provocando intensa atração deste para a igreja”.⁸⁷

4. O amor como marca dos relacionamentos

Não é possível falar de relacionamentos entre cristãos sem mencionar o amor. Como já dizia Santo Agostinho, “os que vivem sem amor são pesados para si mesmos, enquanto que, os que amam, carregam-se mutuamente”.⁸⁸

Este amor cristão, tão fundamental na vida do ser humano, capaz de criar vínculos eternos, não é obra de suas mãos, mas procede do Deus que, em Cristo, marca toda relação interpessoal e a transforma em instrumento do seu agir para a edificação de sua igreja.

4.1. O amor ágape - ἀγάπη: a essência da comunhão cristã

Por toda a Bíblia o amor é tido como marca fundamental nas relações pessoais, seja entre os seres humanos ou destes com Deus. No AT o amor é aquele impulso vital que dá vínculo às relações pessoais.⁸⁹ Exemplo clássico é o amor que pulsava na amizade

87 MARCONDES FILHO, Juez. *Amar e Crescer: O fator comunhão no crescimento da Igreja*. Curitiba: Descoberta, 1999, p. 17.

88 Aurélio Augustinus, apud., WEINGÄRTNER, Lindolfo. *Flores do Jardim de Agostinho*. Curitiba: Encontro, 2005, p. 50.

89 GÜNTHER, W.; LINK, H. “ἀγάπη”, In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 194. v. 1

entre Davi e Jônatas (1Sm 18ss), ou ainda, o laço de amor entre Rute e Noemi (Rt 1.16). No que concerne às leis cúlticas, o amor ao próximo estava na raiz da vida social e comunitária, pois promovia a vida (Lv 19.18).

Já no NT, os aspectos mencionados acima não se diluíram na visão filosófica grega da época, mas foram resgatados por Jesus de forma radical e comprometedora. A dimensão do relacionamento de amor entre Deus e o ser humano ganha destaque:

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22.37-40 par).

Isso significa que o amor ao próximo e a si mesmo se deriva do amor de Deus, e sem o amor ao próximo e a si mesmo, não pode haver relacionamento com Deus.⁹⁰ Por isso, não só o próximo deve ser amado, mas até mesmo o inimigo.⁹¹

O termo grego que define esse amor bíblico é *ἀγάπη*. Ele é pouco usado fora da Bíblia, pois seu enfoque específico é justamente o amor de Deus por meio de seu Filho Jesus e, conseqüentemente, o amor entre os cristãos. Ele se refere, portanto, diferentemente do *amor* ἔρως que está vinculado ao desejo e instinto humano, “a uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra”.⁹² Por isso, o *ἀγάπη* trata, em primeiro lugar, do amor incondicional de Deus. A

90 Ibid., p. 201.

91 Para Bonhoeffer, é no amor ao inimigo que se revela a verdadeira comunhão, pois o amor oferecido por Cristo não se deseja, mas serve em obediência à vontade de Deus. BONHOEFFER, Dietrich. *Vida e Comunhão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p.24.

92 W. GÜNTHER e H. LINK, op. cit., p. 194

maior demonstração de amor está no fato de Deus ter enviado seu único Filho para que o homem pudesse ser reconciliado com o Pai celeste, e assim, compartilhar esse amor com seus semelhantes.⁹³ A encarnação do logos de Deus (Jo 1.1) é a encarnação do amor de Deus que culmina na morte e ressurreição de seu Filho Jesus Cristo. O agir do Deus Triúno passa a ser, assim, expressão de sua essência que é amor e que procura o amor recíproco do homem e o promove entre os homens (1Jo 4.8, 11, 16, cf. também Rm 13.9; Gl 5.14; Tg 2.8).⁹⁴

Por fim, o ἀγάπη é fruto e dom do Espírito. Nas relações interpessoais, ele está sempre voltado para o outro e não estabelece condições. Por isso, pode-se dizer que o amor ágape é a essência da comunhão (1Co 13).⁹⁵ É “a força que conserva unida uma comunidade cristã, e a edifica”⁹⁶ (Ef 4.16. Cf. também: 1Co 8.1; 2Ts 1.3; Fp 2.1-2). Sem ele a vida comunitária não seria possível (1Co 16.14; Ef 1.15; 3.17s). A linguagem do amor é manifestada assim, na transparência dos relacionamentos, no compartilhar o ouvido, no tornar-se vulnerável em busca da mútua confiança e no fomentar a fraternidade cristã.⁹⁷

93 BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p.35.

94 Para João, está claro que o crente e suas relações interpessoais estão incluídos no relacionamento de amor do Deus Triúno. (Jo 13.34; 1Jo 4.21).

95 Para uma melhor explanação do tema a partir de 1Co 13, cf. MORRIS, Leon L. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 145 et. seq.

96 W. GÜNTHER e H. LINK, op. cit., p. 200.

97 Para compreender cada aspecto, SCHWARTZ, Christian. *Aprendendo a Amar: a revolução do coração*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 65 et. seq.

4.2. O amor fraternal - φιλαδελφία : o vínculo da irmandade cristã

Embora o ἀγάπη seja visto na Bíblia como marca essencial da comunhão com Deus e com o próximo, ele não exclui outras possibilidades de amar. Pelo contrário, o ἀγάπη quer ser base de todo e qualquer tipo de amor entre as pessoas. Quanto aos relacionamentos interpessoais, o NT também se utiliza de uma expressão muitas vezes esquecida no contexto de uma comunidade cristã: o “amor fraterno” (φιλαδελφία).

O termo em questão é derivado da palavra grega φιλέω que, por sua vez, designa o “amor afetivo”. De φιλέω também provém expressões como “amizade”, “amigo”, “beijo” e “hospitalidade”. Em todos eles, o que está subtendido é a “preocupação”, o “cuidado” e “afeição” no sentido de amor natural – aquele gerado pela proximidade e companheirismo e muito frequente em conexões familiares e entre pessoas com vínculos afetivos (1Pe 3.8).⁹⁸ Em suma, φιλέω e termos derivados estão inseridos principalmente em contextos de relacionamentos afetivos entre irmãos na fé (Rm 12.10; 1Ts 4.9; Hb 13.1; 1Pe 1.22) como também em contextos de saudação (Rm 16.16; 1Co 16.20, 1Ts 5.26; 1Pe 5.14; 3Jo 15), acolhimento e hospitalidade (At 28.2; 1Pe 4.9). Isso mostra sua importância para os relacionamentos interpessoais, ainda mais que o termo não pode ser entendido fora do contexto de ἀγάπη ou como totalmente distinto deste.⁹⁹

98 J. Eichler. “φιλέω”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 202.

99 Algumas passagens mostram uma relação íntima entre φιλέω e ἀγάπη quanto ao conteúdo: 1Ts 4.9; 1Pe 1,22; 2Pe 1.7. Em 1Co 16.22, Paulo também emprega φιλέω para falar do amor a Deus.

No caso específico do amor fraternal, três textos, em especial, merecem atenção. Em Romanos 12.10 está dito: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”. Φιλαδελφία é entendido aqui como o amor cordial que os cristãos devem praticar com vista à dignidade dos seus semelhantes.¹⁰⁰ Esse amor fraterno não está desvinculado da vida comunitária, mas acontece ali onde o Corpo de Cristo está presente e atuando a partir dos dons de cada membro (Rm 12.4-6). Junto a isso se acrescenta o zelo, o fervor de espírito, a esperança, a paciência em meio à tribulação, a perseverança na oração, o compartilhar as necessidades, a hospitalidade e a prática do bem (Rm 12.12-21). Aqui se tem um primeiro aspecto: a φιλαδελφία **faz parte de um conjunto de ações recíprocas que buscam promover a edificação da comunidade cristã.**¹⁰¹

Outra passagem é 1 Tessalonicenses 4.9. Ali Paulo diz à comunidade cristã reunida: “no tocante ao amor fraternal [φιλαδελφία], não há necessidade de que eu vos escreva, porquanto vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos [ἀγάπη] uns aos outros”. Φιλαδελφία parece ser uma realidade presente entre as comunidades cristãs fundadas por Paulo, pois não há necessidade de que ele escreva sobre o assunto. Logo, a prática da mutualidade do amor entre os irmãos na fé não pode ser vista como algo banal,

100 POHL, Adolf. *Cartas aos Romanos – Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 1999, p. 206.

101 Conforme a pesquisa apresentada no programa Desenvolvimento Natural da Igreja (DNI), os relacionamentos marcados pelo amor fraternal são uma das oito marcas de crescimento de uma igreja. O autor da pesquisa fala de um “quociente de amor”, isto é, igrejas que valorizam a “qualidade” do amor entre os irmãos como fruto da fé e do Espírito tendem a crescer mais que as igrejas que não se empenham na prática deste. SCHWARTZ, Christian. *Aprendendo a Amar: a revolução do coração*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 132.

mas central no círculo comunitário e até mesmo entre diversas comunidades cristãs (1Ts 4.10). O que se entende por detrás das ações afetuosas é que o próprio relacionamento com Deus direciona e instrui os cristãos a se amarem de forma fraterna. Isso também é percebido em 1 Pedro 1.22 onde é dito: Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal [φιλαδελφία] não fingido, amai-vos [ἀγάπη], de coração, uns aos outros ardentemente”. Nos dois casos, os autores associam *phileo* à ἀγάπη. Isso significa que não há como desvincular o amor fraternal da vida em comunhão, e nem observá-lo fora da vida regenerada e santificada (1Ts 4.7; 1Pe 1.16; 23; 2Pe 1.7). Por isso, a φιλαδελφία é **o amor que leva o crente a se importar com seu próximo de forma afetuosa e respeitosa, refletindo a graça regeneradora de Cristo e o agir santificador do Espírito Santo.**

Por fim, “Seja constante o amor fraternal”. Assim exorta o autor da carta aos hebreus (Hb 13.1). Essa afirmação precisa pode ser vista como título de toda uma perícopes que traz conselhos acerca dos deveres sociais e espirituais dos cristãos. O amor fraternal é o parâmetro da conduta cristã, seja em relação às ações de solidariedade, seja em relação à santidade de vida (Hb 13.2ss). Hebreus revela duas características desse amor que, muitas vezes, é menosprezado: a) na φιλαδελφία tem-se abertura para ações sociais que valorizam o outro (seja hóspede, carcereiro, marido ou esposa) e cumprem o mandato cultural na dependência de Deus (Hb 13.2-6); b) na φιλαδελφία tem-se abertura para o respeito, para a prática do bem e para a mútua cooperação e submissão aos líderes espirituais (Hb 13.16.17).

Assim, a φιλαδελφία é **aquele amor de irmãos, que ao ser praticado, promove justiça e fortalece a fé, sendo também instrumento de testemunho do evangelho.**

Dos três aspectos apresentados, pode-se concluir que o amor fraterno não é um mero sentimento de irmandade. Antes, é postura relacional e amorosa entre os que são da família de Deus e que se estende em ações de misericórdia e respeito para os que são de fora ¹⁰². Isso só é verdade porque a fraternidade cristã se baseia na presença de Cristo que une os crentes em si como irmãos na mesma fé, filhos do mesmo Pai e sob o agir do mesmo Espírito (1Co 12.12s; Gl 3.26).¹⁰³

O amor fraterno, portanto, busca valorizar o que une e minimizar o que separa, tendo em mente a diversidade dos membros e dos dons.¹⁰⁴ Quando conectado ao *amor ágape* e vivido na dimensão da comunhão, passa a ser, em última análise, canal promotor da mutualidade cristã.

5. A mutualidade como característica norteadora dos relacionamentos

Como visto no primeiro capítulo, a mutualidade é um conceito pertinente às trocas de mercado que, quando aplicado às relações sociais, é entendido como características pelas quais as pessoas compartilham algo em comum. Isso envolve também o ambiente e o contexto em que as pessoas estão inseridas. Todavia, na perspectiva bíblica, a mutualidade está inserida principalmente na dimensão dos

102 Christian Schwartz chega a radicalizar a Regra de Ouro ao afirmar que o amor cristão se caracteriza por “poder transformar as pessoas e converter os inimigos em amigos”. SCHWARTZ, Christian. *Aprendendo a Amar: a revolução do coração*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 31.

103 L. de Candido. *Fraternidade*. In: PIORES, Stefano e GOFFI, Tullo (org). *Dicionário de Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993, p. 465.

104 Ibid., p. 471.

relacionamentos marcados pelo amor fraternal.

Não há um termo específico para “mutualidade”. No entanto, conceitos como amizade, companheirismo, fraternidade, comunhão, hospitalidade, muitas vezes, são usadas para descrever ações mútuas de relacionamentos. No NT, em especial, a dimensão da mutualidade está presente de forma indireta por meio de um termo pouco explorado: ἀλλήλων. Seu significado em si não diz muito, mas seu uso abrange uma gama de possibilidades quanto à prática dos relacionamentos interpessoais.

5.1. O termo ἀλλήλων e os relacionamentos de uns com os outros

Conforme seu uso no grego coinê, ἀλλήλων é um pronome recíproco, derivado do pronome atributivo ἄλλος (o outro: que atribui uma qualidade a algo ou alguém) e ligado ao pronome σὺν (com, conjunto).¹⁰⁵ Ele procura expressar tanto o relacionamento interpessoal como promover a reciprocidade entre duas partes em torno de algo em comum. Por isso ele pode ser traduzido como “*uns dos outros*”. Quando usado no dativo (ἀλλήλοις), o termo procura apontar para quem se dirige a ação, ou seja, descreve a relação de “*uns para com os outros*” ou de “*uns com os outros*”. Já no acusativo (ἀλλήλους), o termo sofre a ação do verbo e passa a ser traduzido por “*uns aos*

¹⁰⁵ Por ser ἀλλήλων um termo não explorado em dicionários teológicos, toda a presente análise se baseia na pesquisa do próprio autor a partir dos seguintes instrumentos exegéticos: *BÍBLIA ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA*. 2. ed. Barueri: SBB, 1993; *CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento: grego-português*. São José dos Campos: Fiel, 1994, v1 e 2; NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006; SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. CEIBEL: Patrocínio. 1998.

outros”.¹⁰⁶ Além disso, seis são as passagens que traduzem ἀλλήλων como sinônimo de “mutualidade” ou “reciprocidade” (Rm 1.12, 27: 2.15; Gl 5.15; Cl 3.13; 1Pe 4.9). Em todos os casos, ἀλλήλων nunca aparece como sujeito da frase e sempre está no plural, o que sinaliza sua função de relacionar o sujeito da oração com algo ou alguém.¹⁰⁷

No Novo Testamento, o termo aparece exatamente 100 (cem) vezes e sempre ligado às relações interpessoais¹⁰⁸. Nos evangelhos sinóticos e também em Atos dos Apóstolos, seu uso se resume praticamente aos diálogos e formas de comunicação entre pessoas em torno de um assunto ou uma ação histórica (conversas, perguntas e discussões).¹⁰⁹ Em Mateus, há ainda alusões escatológicas quanto aos relacionamentos dos fins dos tempos, retomados também no livro de Apocalipse.¹¹⁰ Contudo, sua relevância teológica aparece mais claramente no corpo epistolar, em especial nas cartas de Paulo e no escritos joaninos. Nestes, ἀλλήλων quase sempre é empregado num contexto de orientações em prol dos relacionamentos entre cristãos ou da comunhão, levando em conta o aspecto do *amor ágape*.

Analisando cada uma das passagens bíblicas, pode-se estruturar quatro temas que, de certa forma, esclarecem a ligação que ἀλλήλων tem com os relacionamentos interpessoais característicos das comunidades cristãs neotestamentárias:

a) ἀλλήλων diz respeito às **atitudes mútuas de irmandade**: trata-se de ações virtuosas e comportamentos recíprocos que devem

106 Apesar das particularidades de cada caso da declinação, nem sempre o termo ao ser traduzido segue as regras.

107 F. L. SCHALKWIJK, op. cit., p. 79.

108 De todas as passagens, 40 se encontram nas cartas paulinas; 34 nos Evangelhos (22 vezes em João); 08 em Atos dos Apóstolos; e 18 nas demais cartas e Apocalipse.

109 Algumas passagens: Mc 4.41; 9.10; Lc 2.15; 7.32; At 4.15; 21.6; 26.31; 28.4.

110 Mt 24.10; Ap 6.4.

ser promovidos entre os cristãos como: *honrar*, ser *humilde*, ter *paciência*, *consolar*, *servir*, *levar a carga*, *suportar* em amor, *sujeitar* e *considerar* → “uns aos outros”.¹¹¹

b) ἀλλήλων está inserido em contextos de **advertência**. Nesses casos, os cristãos são exortados quanto às más atitudes que possam prejudicar tanto o convívio comunitário quanto as próprias pessoas envolvidas. Cita-se aqui o não *murmurar*, não *ofender*, não *julgar*, não se *privar da relação matrimonial*, não *invejar/provocar*, não *mentir*, não *odiar*, e não se *queixar* ou *falar mal* → “uns dos outros”.¹¹²

c) ἀλλήλων diz respeito também ao **amor recíproco**. Das mais de cinquenta passagens que empregam o termo no contexto dos relacionamentos interpessoais, dezessete (30%) fazem alusão ao amor ao próximo.¹¹³ Chama atenção ainda que, dessas passagens que, de uma forma ou de outra falam da comunhão com Deus, dez se encontram ou no evangelho ou nas cartas de João. Em João, fica claro que todo o relacionamento cristão deveria estar arraigado na distribuição do amor que procede de Deus (1Jo 4.7; Jo 13.35).

d) ἀλλήλων, por fim, está ligado à prática da **comunhão e edificação da igreja**: trata-se de ações como a *edificação na paz*, o *admoestar*, o *acolher*, o *saudar*, o *cooperar*, o ser *benigno*, o *confessar* pecados; o *orar*, e o *manter comunhão* → “uns como os outros”.¹¹⁴ Ações estas que promovem o convívio e expressam o valor da *mutualidade* em vista à edificação da vida comunitária, bem

111 Rm 12.10; 12.16; 1Pe 5.5; Rm 15.5; 1Ts 4.18; 5.11; Gl 5.13; 6.2, Ef 4.2; Cl 3.13; Ef 5.21; Fp 2.3; Hb 10.24

112 Jo 6.49; At 7.26; Rm 14.13; 1 Co 7.5; Gl 5.26; Cl 3.9; Tt 3.3; Tg 4.11; 5.9.

113 Jo 13.34-35; 15.12, Rm 12.10; 13.8; Gl 5.13; 1Ts 3.12; 4.9; 2Ts 1.3; 1Pe 1.22; 1Jo 3.11, 23; 4.7-12; 2 Jo 5.

114 Rm 14.19; 15.14; 1Pe 4.9; Rm 15.7; 16.16; 1Co 16.20; 2Co 13.12; 1Pe 5.14; 1Co 12.25; Ef.4.37; Tg 5.16; 1Jo 1.7.

como do Corpo de Cristo (Rm 12.5 e Ef 4.25).¹¹⁵

A partir disso, é possível afirmar que o termo ἀλλήλων torna-se relevante para a discussão desta pesquisa. Ao se analisar as relações mútuas no qual ele está envolvido, ἀλλήλων passa a ser um termo-chave na compreensão do valor dos relacionamentos para com a edificação de uma comunidade cristã. Assim, a mutualidade bíblica requerida pelo pronome não é um evento natural das relações humanas, mas uma característica norteadora dos relacionamentos interpessoais que surge a partir do mandamento do *amor* e está inserida na dimensão da *comunhão*. Os assim intitulados “mandamentos recíprocos” são exemplos disso.

5.2. Os mandamentos recíprocos e os relacionamentos cristãos

Conforme Dewey Mulholland, em seu livro “*Teologia da Igreja*”, vinte e cinco são os mandamentos recíprocos, os quais podem ser agrupados em quatro temas principais: a) os que tratam do *inter-relacionamento*; b) os que tratam de o que *se deve evitar*; c) os que visam à *edificação* mútua; d) os que apelam para o *serviço* mútuo.¹¹⁶

115 Além dos textos citados nos quatro agrupamentos, existem outras passagens que atestam o princípio da mutualidade, porém sem utilizar o termo ἀλλήλων. Mesmo assim eles tratam de temas semelhantes, a saber: “aconselhai-vos *mutuamente*” (Cl 3.16); “exortai-vos *mutuamente*” (Hb 3.13); “Não negligencieis... a *mútua* cooperação” (Hb 13.16); “Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por *mútuo* consentimento” (1Co 7.5).

116 Em suma, a estrutura é semelhante à que foi elaborada no item anterior quanto à análise do termo *allelon*, porém esta possui um aspecto mais prático. Para o autor, os mandamentos recíprocos visam contribuir no ministério da interdependência e da mutualidade na igreja. MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja: uma igreja segundo os propósitos de Deus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 166-67. Outros autores que também citam os “mandamentos recíprocos” são: CRESPO, Ubirajara. *Mutualidade, a*

Apesar de serem considerados “mandamentos”, nem todos são imperativos categóricos, mas antes, instruções e orientações solícitas com vistas à edificação mútua. Dessa forma, todos os que fazem parte do Corpo de Cristo são chamados a observar os seguintes preceitos: *Amem-se* uns aos outros (Rm 12.10); *Aceitem-se* uns aos outros (Rm 15.7); *Sauvem-se* uns aos outros (2Co 13.12); *Cuidai* uns dos outros (1Co 12.25); *Sujeitem-se* uns aos outros (Ef 5.21 -22); *Suportem-se* uns aos outros (Cl 3.13); *Não tenham inveja* uns dos outros (Gl 5.26); *Deixem de julgar* uns aos outros (Rm 14.13); *Não se queixem* uns dos outros (Tg 5.9); *Não falem mal* uns dos outros (Tg 4.11); *Não mordam e devorem* uns aos outros (Gl 5.15); *Não provoquem* uns aos outros (Gl 5.26); *Não mintam* uns aos outros (Cl 3.9); *Confessem os seus pecados* uns aos outros (Tg 5.16); *Perdoai-vos* uns aos outros (Tg 5.15); *Edifiquem-se* uns aos outros (1Ts 5.11); *Ensinem* uns aos outros (Cl 3.16); *Encorajem* uns aos outros (At 13.15); *Aconselhem-se* uns aos outros (1Ts 5.12); *Cantem* uns para os outros (Cl 3.16); *Sirvam* uns aos outros (1Pe 4.10); *Levem as cargas* uns dos outros (Gl 6.2); *Hospedem* uns aos outros (1Pe 4.9); *Sejam bondosos* uns para com os outros (Ef 4.32); *Orem* uns pelos outros (Tg 5.16).

Fica claro em todos os textos a função imprescindível do termo ἀλλήλων. Sem ele não seria possível falar de uma reciprocidade entre as pessoas e muito menos de uma interdependência em torno de uma ação edificadora. Por isso, a mutualidade quer se fazer presente nos relacionamentos entre irmãos na fé e criar uma atmosfera propícia ao diálogo, à proximidade, à transparência, ao aprendizado e ao testemunho. Ela se processa de forma plena no contato de *uns com*

dinâmica da vida. 3 ed. Rio de Janeiro: Naós. 2002, p. 12; KIVITZ, Ed René. *Quebrando Paradigmas*. 5. ed. São Paulo: Abba Press, 2004, p. 61-62; REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003, p. 152-53.

os outros e no dever que *um* tem *para com o outro*, enquanto membro da família de Deus, ou seja, enquanto pertencente a Cristo.

Na perspectiva do NT, a mutualidade é expressão da interdependência orgânica da igreja (1Pe 4.10-11). É uma característica relacional que abre oportunidades para os cristãos servirem uns aos outros através da diversidade dos dons do Espírito. É o meio pelo qual podem também demonstrar a comunhão em Cristo em atos concretos de amor.¹¹⁷ Aqui está um ponto-chave: é no Grande Mandamento do amor pregado por Jesus que se tem a base para se falar dos “mandamentos recíprocos”. Sem o amor, a mutualidade nos relacionamentos seria “como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1Co 13.1). Como alerta Paulo Real, “só a prática do amor leva a relacionamentos profundos”.¹¹⁸ E de fato, relacionamentos profundos surgem ali onde há pessoas libertas pelo Evangelho de Cristo e dispostas a serem “servos uns dos outros pelo amor” (Gl 5.13). No serviço ao próximo caem as barreiras impostas pelo julgamento e reina a justificação por graça. Pela justificação, diz Bonhoeffer, “todas as diferenças individuais dentro da comunidade não serão motivo para falatório, julgamento, condenação, ou seja, motivo de autojustificação, mas serão razões de uns se alegrarem nos outros e de servirem mutuamente.”

Enfim, a mutualidade, essa conexão dinâmica existente entre pessoas feitas à imagem e semelhança de Deus, não quer ser instrumento de manipulação humana em benefício de poucos, mas **característica norteadora** dos relacionamentos interpessoais em uma comunidade cristã, que sob a marca do amor, busca promover a

117 MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 164.

118 REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003, p. 26.

edificação do Corpo de Cristo.

III. A EDIFICAÇÃO DE COMUNIDADE E A RELEVÂNCIA DOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Todas as abordagens epistemológicas e bíblico-teológicas trabalhadas até aqui tiveram, como fim último, fundamentar e evidenciar a relevância dos relacionamentos interpessoais na edificação de uma comunidade cristã. No entanto, *de que forma os relacionamentos podem contribuir na prática da edificação?* Essa pergunta precisa ser respondida levando em conta o conteúdo teológico da edificação e os espaços em que os relacionamentos podem estar inseridos como promotores da mesma.

1. O testemunho bíblico acerca da edificação de comunidade

O assunto sobre *edificação de comunidades* não é algo desconhecido da história da igreja. Para Martim Volkmann, ele ganha importância maior em momentos de crises, “quando a ‘proposta de edificação da Igreja oficial’ não agrada ou não se coaduna com as bases da própria Igreja”.¹¹⁹ Nessa perspectiva, o clamor por mudanças

¹¹⁹Na sua argumentação, o professor e estudioso no assunto cita alguns momentos históricos que comprovam a necessidade da edificação em momento de crise, dentre eles, a Reforma protestante, o movimento pietista, o reavivamento

e o desenvolvimento de novas propostas vêm à tona ali onde se tem o desafio, sempre de novo, de criar condições para que a comunidade cristã desenvolva de modo satisfatório e condizente com o evangelho, a comunhão entre seus membros.¹²⁰ Contudo, isso não significa que o tema da edificação deva ser ignorado quando tudo parece bem. Ele faz parte da pauta de discussão de todos os momentos da vida cristã seja pessoal ou comunitária.

Para o NT, a edificação de comunidade está diretamente ligada ao verbo grego οἰκοδομῶ, que literalmente significa “construir” ou “edificar uma casa – οἶκος”.¹²¹ Não por acaso, Paulo emprega o substantivo οἰκοδομήν (edificação) para descrever o desenvolvimento espiritual de uma pessoa ou grupo, em especial, a expansão da comunidade cristã mediante o Espírito Santo.¹²² Daí resulta também a expressão “casa de Deus”, que passa a ser designação para a comunidade cristã (Hb 3.1-6; Ef 2.19-22; 1Tm 3.15; 1Pe 4.17), a casa espiritual onde cada crente é incorporado como pedra viva (1Pe

norte-americano e o pentecostalismo. VOLKMANN, Martin. “Edificação de comunidade”. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998, p. 172.

120 Para os reformadores, isso estava claro na expressão “*eclesia semper reformanda est*”. BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 202. v. 2.

121 Interessante é que o próprio termo *oikos* é entendido no NT não só como a construção erguida com quatro paredes, mas acima de tudo, “o próprio grupo de pessoas que mora nesta construção (At 11.14; 15.15; 1Co 1.16) ou todo um povo (Mt 10.6; 15.24)”. J. Goetzmann. “οἰκοδομῶ”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 48.

122 Paulo segue a linguagem veterotestamentária do profeta Jeremias (Cf. Jr 12.16; 31.3 e 11) que expressava o desejo de Javé em edificar (hebraico: *banah*) não só Israel, mas também todas as nações por meio da incorporação à comunidade de fé da nova aliança. GOETZMANN, J. οἰκοδομῶ, op. cit., p. 371. v. 1., e também, BONNARD, P. *Edificar*. In: ALLMEN J. J. von. *Vocabulário Bíblico*. 3. ed. São Leopoldo: ASTE, 2001, p. 150.

2.5; Ef 2.22).

Nesse sentido, a comunidade cristã pode ser compreendida como comunidade familiar, a morada de Deus (1Co 3.9,16s; Ef 2.21-22; 1Ts 3.15), edificada sobre a rocha inabalável de Sua palavra (Mt 7.24 par), cujo fundamento é Cristo (Mt 16.18; 1Co 3.11), e também a pedra angular do edifício (Ef 2.20). Logo, tanto o estabelecimento como a edificação de uma comunidade cristã é sempre obra exclusiva de Deus. Por outro lado, tudo o que acontece dentro de uma comunidade cristã, deve servir para sua própria edificação e para edificação mútua dos crentes em Jesus, pois diante de Deus todos são “membros uns dos outros” (Rm 12.5; Ef 4.25) ¹²³. Isso significa que Deus não trabalha sozinho, mas capacita os crentes com dons espirituais para que possam participar da sua obra edificadora (1Co 3.9).

Assim, cada membro do Corpo é chamado a trabalhar junto a outros como cooperadores na obra da edificação e pedras vivas do edifício, edificando-se mutuamente (1Ts 5.8) e cooperando em favor uns dos outros (1Co 12.25). E isso exige relacionamentos.

2. A edificação na perspectiva dos relacionamentos interpessoais

Na prática comunitária, três são os espaços privilegiados nos quais a edificação da comunidade tem seu espaço, a saber: o culto, o ensino e a vida comunitária.¹²⁴ Em todos eles, é possível plantar e

123 J. GOETZMANN, loc. cit.

124 Esses aspectos podem ser observados na própria Igreja Cristã que se reunia em culto a Deus sob a base do ensino dos apóstolos, da comunhão e do partilhar mútuo em vida comunitária (At 2.42s). Para uma abordagem teológica: Cf. MÖLLER, Christian. *Lehre von Gemeindeaufbau*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

regar por meio dos relacionamentos, enquanto Deus dá o crescimento (1Co 3.6-7).

2.1. O culto: celebrando o amor de Deus em comunidade

A começar pelo culto, deve-se ter em mente que ele é o evento central da edificação de uma comunidade cristã. A própria vida comunitária nasce do culto, no qual a palavra é anunciada e os sacramentos administrados conforme o evangelho.¹²⁵ Por isso, ele é o centro da comunhão de uns com os outros e o local do encontro de Deus e sua comunidade reunida em adoração.¹²⁶

Nesse sentido, os relacionamentos interpessoais têm uma tarefa primordial: criar um ambiente de acolhimento e hospitalidade mútua no qual as pessoas possam se sentir atraídas a terem um contato inspirador com Deus em comunidade. Para Klaus Douglas, membro do Instituto de Desenvolvimento Natural da Igreja, o culto precisa, além disso, “fazer com que as pessoas saiam de lá mais tranquilas, confiantes, carinhosas, mais preparadas para a vida e mais alegres. O culto precisa estimular o prazer da fé”.¹²⁷ Para isso, espaços de diálogo e de fomento de amizades precisam ser desenvolvidos, principalmente com os visitantes; o abraço da paz precisa ser praticado de forma natural e fraterna, em qualquer momento, e não só como um ato fixo da liturgia; a pregação precisa ser, em primeiro lugar, um testemunho de vida que envolva as pessoas em um diálogo com Deus; a Ceia deve buscar valorizar o aspecto da comunhão cristã

125 PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 53.

126 Homero S. PINTO, loc. cit.

127 DOUGLASS, Klaus. *Celebrando o amor de Deus: o despertar para um novo culto*. Curitiba: Esperança, 2000, p. 9.

e da confissão conjunta dos pecados; e a bênção precisa enviar a comunidade reunida a praticar o serviço de uns aos outros em ações concretas de amor e fé.

O que se percebe em todos esses aspectos é que a ênfase nos relacionamentos interpessoais não quer ser um princípio universal de edificação, mas uma proposta prática que tem por finalidade contribuir no âmbito do culto cristão para isso. Portanto, fazer do culto um espaço de relacionamentos, nada mais é do que proporcionar aos participantes um ambiente fraterno de celebração mútua do amor de Deus, para que, ao ouvirem a palavra pregada, ao participarem da Ceia, ao confessarem os pecados, ao orarem e louvarem a Deus, sejam edificados juntamente com toda a comunidade.

2.2. O ensino cristão: compartilhando a fé no caminho

Enquanto que o culto reúne os fiéis em adoração a Deus e os edifica por meio da palavra e dos sacramentos, o ensino cristão visa prepará-los a servirem a Deus e uns aos outros com vistas à edificação do Corpo de Cristo. Por isso, o ensino em uma comunidade cristã é muito mais do que mera transmissão de informações e conhecimento bíblico por parte de um ministro ou líder. Antes de tudo, é um compartilhar da vida de fé e da palavra de Deus de forma tal que, aquele que ensina, esteja também disposto a se colocar junto na caminhada daquele que está aprendendo, por meio de uma relação mútua de companheirismo.

Nesse sentido, o aspecto do *discipulado* ganha destaque.¹²⁸ Ele não só é um meio bíblico de ensino, ou uma aula de como ser discípulo de Jesus, mas antes, um estilo de vida que visa andar junto

¹²⁸Para uma abordagem abrangente sobre o assunto do discipulado como base da educação cristã pode ser encontrada na obra de RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

com o outro nas pegadas de Jesus.¹²⁹ Isso traz reflexos para toda a vida cristã. No evangelismo, por exemplo, os relacionamentos interpessoais acabam se tornando meio agradável de levar as boas novas para as pessoas com quem se tem contato.¹³⁰ Também as diversas propostas de formação, capacitação de lideranças, quando vistas na perspectiva dos relacionamentos e do discipulado, tornam-se mais eficientes na edificação de comunidade.¹³¹

A proposta então é fazer com que todos os programas de ensino e capacitação sejam também espaços de convívio fraterno, de acompanhamento mútuo e de comunhão de uns com os outros. Seja qual for o método de ensino – pregação, estudo bíblico, programas de discipulado pessoal ou coletivo, profissão de fé, educação infantil – este deve ser de natureza discipuladora, isto é, trabalhado com o foco nos relacionamentos, na vivência prática do que se ensina. Dessa forma, também os dons do Espírito Santo, quanto colocados

129 A relação entre ensino, discipulado e fraternidade cristã está tão arraigada na grande comissão dos discípulos de Jesus quanto na “grande comissão” dos pais educadores do AT. Enquanto que o pai tinha o dever de não só guardar no seu coração as palavras que Deus ordenara, mas também ensinar seus filhos a guardarem, assentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se, e ao levantar-se (Dt 6.6-7), os discípulos deveriam fazer outros discípulos, ensinando-os a guardar todas as coisas que Jesus ordenara (Mt 28.19-20). Não se trata apenas de *ensinar*, mas de *ensinar a guardar*. A ligação entre as duas passagens e o conteúdo do “guardar” está justamente na ordem: “Amar a Deus acima de todas as coisas” (Dt 6.5; Mt 22.37). Por isso, o discipulado pode ser entendido como o acompanhamento fraterno (familiar) no qual se ensina sobre o amor de Deus e sobre o amar a Deus enquanto membro do Corpo de Cristo. E isso, o próprio Jesus demonstrou ao chamar seus doze discípulos.

130 SCHWARTZ, Christian. *Evangelização Básica*. Curitiba: Esperança, 2003, p. 23 et. seq.

131 Conforme as pesquisas do Instituto de Desenvolvimento Natural da Igreja, as comunidades cristãs tendem a crescer mais ali onde as lideranças estão mais orientadas para os relacionamentos interpessoais e menos para as coisas e objetivos. SCHWARTZ, Christian. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996, p. 22.

em prática na perspectiva da mutualidade cristã, deixam de ser ornamentos espirituais do crente, e se tornam de fato dádivas de Deus para o serviço mútuo e edificação do Corpo de Cristo.¹³²

O ensino cristão, portanto, é terreno fértil para a edificação de uma comunidade cristã. É a área na qual as pessoas são estimuladas, a partir das Escrituras, a seguirem os passos de Jesus e a serem seus imitadores, servindo e testemunhando de seu amor na comunidade e no mundo por relacionamentos interpessoais (1Co 11.1; Ef 5.1-2).

2.3. Vida comunitária: servindo uns aos outros

Toda a adoração a Deus e todo o conhecimento acerca de Deus não têm sentido se não levar a uma fé ativa no amor (Is 1.11-17; Gl 5.6). A própria visão de ensino como discipulado tem essa função de conectar o culto à vivência da fé, e esta ao culto. Por isso a edificação de uma comunidade cristã acontece também ali onde os crentes são chamados a **servirem** uns aos outros a partir dos dons do Espírito, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. (1Pe 4.10). Esse lugar é a vida comunitária. O ambiente reservado para a convivência fraterna e para a prática diária da comunhão e da mutualidade cristã.

Esse ambiente, porém, não está isento de ameaças que possam comprometer o convívio de uns com outros. Um exemplo típico e atual é a tendência sempre de novo de separar adoração pessoal e fraternidade cristã, individualidade e comunidade. Quando isso acontece, a fraternidade se torna alvo de uma fé pessoal anônima que dispensa o coletivo. O que de fato acontece, é que a preocupação sincera em ter um relacionamento pessoal com Jesus,

¹³²MARCONDES FILHO, Juarez. *Amar e Crescer: O fator comunhão no crescimento da Igreja*. Curitiba: Descoberta, 1999, p. 52.

muitas vezes, leva as pessoas a considerarem a vida em comunhão como um aspecto somente vertical. Dessa forma, os relacionamentos comunitários ficam em segundo plano e a mutualidade de uns com os outros deixa de ser praticada.

Portanto, quando o assunto é vida comunitária, não há como defender uma dicotomia entre o relacionamento pessoal com Cristo e entre os irmãos de uma comunidade. Como alerta James Thompson, “qualquer ligação pessoal com Deus, isolada de um relacionamento vital com a igreja, perderia todo sentido”.¹³³ Por isso, tanto os problemas de convivência, como a vivência de uma espiritualidade pessoal não pode ser justificativa para um desleixo na valorização e no investimento em relacionamentos na comunidade cristã.¹³⁴ A própria Bíblia, embora nunca tenha descrito a vida comunitária cristã como um ideal paradisíaco, sempre procurou resgatar a importância das relações entre os *santos* das comunidades cristãs, exortando-os a se portarem de forma digna uns com os outros (1Co 1.10; Ef 4.1; Fp 1.27; 2.1-2; 1Ts 2.18).

Nesse sentido, diversas propostas podem ser pensadas em favor de atividades que proporcionem a aproximação das pessoas e criem espaços de convívio comunitário.¹³⁵ Dentre elas, o trabalho em pequenos grupos é o mais indicado,¹³⁶ isso porque procuram

133 THOMPSON, James. *Nossa Vida Juntos: um olhar para a fraternidade cristã*. São Paulo: Vida Cristã, 1983, p. 15.

134 O conceito luterano de que “a igreja é simultaneamente justa e pecadora” está aí justamente para manter a tensão entre a realidade espiritual e realidade concreta da vida comunitária. LUTERO, Martinho. “Epístola aos Gálatas”. In: Martinho Lutero. *Obras Seleccionadas*. Vol. 10. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. 2002, p. 121.

135 Curso Alfa, encontros de confraternização, café no final do culto, pequenos grupos familiares, retiros e acampamentos com ênfase nos relacionamentos, entre outros.

136 Também conhecidos por grupos familiares ou grupos células.

trabalhar não só o lado espiritual das pessoas, mas também o relacional, ao levar em conta as faixas etárias, o sexo, o estado civil e interesses em comum.¹³⁷ Os pequenos grupos, principalmente quando realizados nas casas dos membros, acabam criando um ambiente de convivência fraterna e aconselhamento mútuo, nos quais se procura manter e aperfeiçoar a unidade do Corpo de Cristo em liberdade, respeito e amor (Ef 4.16; 1Co 8-10). Em outras palavras, os grupos de convivência têm por finalidade “desenvolver o caráter cristão de seus componentes em um ambiente favorável à troca de experiências ou comunhão, ao cumprimento de uma missão e ao estudo da Palavra de Deus”.¹³⁸

Todavia, tais grupos não podem existir fechados em si mesmos. Eles devem refletir seus objetivos para dentro da comunidade cristã da qual fazem parte, pois também ali os crentes se encontram como membros uns dos outros. Caso contrário, os pequenos grupos se tornarão “tribos comunitárias” autônomas, em que a mutualidade só se torna possível dentro deles e para eles. Para que isso não ocorra é preciso falar da interdependência, não só dos membros entre si, mas da interdependência dos grupos, dos ministérios, das programações, das atividades, das lideranças, das gerações, enfim, de tudo aquilo que se constitui Corpo de Cristo. Para Samuel Escobar, a própria figura de linguagem do corpo procura “destacar uma visão dinâmica dessa vida em comunhão que deve caracterizar os discípulos de

137 Conforme as pesquisas sobre crescimentos de igreja, os pequenos grupos são “os sustentadores do desenvolvimento natural da igreja, atualmente, o programa mais bem visto de criar vínculos comunitários saudáveis com base do amor fraterno. SCHWARTZ, Christian. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996. p. 33.

138 CRESPO, Ubirajara. *Mutualidade, a dinâmica da vida*. 3 ed. Rio de Janeiro: Naós. 2002, p. 23.

Jesus”.¹³⁹

Por esse motivo, a vida comunitária deve prezar pela edificação orgânica do corpo e se fazer ambiente de diaconia entre os irmãos na fé. Por diaconia se entende justamente “o agir restaurador e curador da comunidade”¹⁴⁰ que brota do amor de Deus e que, em primeiro lugar, “dá forma à congregação como comunhão de irmãos e irmãs em que se tem cuidado de uns para com os outros e onde cada um serve ao outro”.¹⁴¹ Logo, a comunidade cristã é também “comunidade terapêutica”, isto é, comunidade em que a prática do sacerdócio geral se faz presente por meio do aconselhamento e do serviço mútuo. O local privilegiado da mutualidade bíblica sobre a qual o cristão é convidado a suportar, carregar os fardos, ter paciência, cooperar, admoestar, honrar, orar, consolar, enfim, servir e amar *uns aos outros* de forma concreta (na sequência: Cl 3.13; Gl 6.2; Rm 15.5; Hb 13.16; Rm 15.14; Tg 5.16; 1Ts 4.18; 1Pe 4.10; Rm 12.10).¹⁴²

139 [tradução do autor]. ESCOBAR, Samuel. “La natureza comunitária de la iglesia”. In: PADILHA, René C.; YAMOMORI, Tetsunao (eds). *La Iglesia local como agente de transformación*. Buenos Aires: Kairós, 2003, p. 89.

140 PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 46.

141 OFTESTAD, Alaf B. *Vivendo Diaconia: edificando a igreja através do cuidado pessoal e social*. Curitiba: Encontro, 2006, p. 40.

142 Quanto às características de conexão de uma comunidade terapêutica: CRABB, Larry. *Conexão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 31 et. seq. Para saber mais sobre como ajudar uns aos outros por meio do aconselhamento na perspectiva de uma comunidade terapêutica: COLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 135 et. seq.

3. Os relacionamentos interpessoais: desafios práticos

Toda a perspectiva da edificação a partir dos relacionamentos interpessoais tem por finalidade última mostrar que o desenvolvimento e o crescimento de uma comunidade cristã estão diretamente associados às interações entre os cristãos que dela participam. Os relacionamentos interpessoais perpassam toda a vida cristã e todos os ambientes de edificação de uma comunidade cristã. Sem eles, o culto perde seu sentido de ser o encontro de Deus com sua comunidade congregada, o ensino deixa de ser um discipulado e a vida comunitária se resumirá em programas, reuniões e atividades. Nem mesmo a pregação da palavra terá seu proveito se não for aplicada na vida cristã por meio dos relacionamentos. Pois, como a Escritura pode ser, conforme 2 Timóteo 3.16-17, útil para o ensino, para a repreensão, para correção, para a educação na justiça, e para que o homem seja habilitado para toda boa obra, se no horizonte de tais ações não estiverem os relacionamentos interpessoais?

O desafio, portanto, dos relacionamentos interpessoais é justamente criar os vínculos necessários para que a edificação de uma comunidade cristã aconteça de forma equilibrada e orgânica, levando em conta a celebração comunitária, o discipulado, o serviço mútuo, mas também os benefícios pessoais das relações entre os crentes. Como lembra Ed René Kivitz, “é na dinâmica dos relacionamentos pessoais que as carências completas dos irmãos são supridas e onde os cristãos são aliviados de qualquer sorte de cargas pesadas demais para um ombro só”.¹⁴³

143 KIVITZ, Ed René. *Quebrando Paradigmas*. 5 ed. São Paulo: Abba Press. 2004, p. 62. Embora Kivitz seja um crítico de paradigmas tradicionais e institucionais de igreja, algumas de suas observações são válidas por justamente resgatar o valor da mutualidade cristã em uma época na qual o cristianismo

Portanto, esse desafio requer colocar os relacionamentos interpessoais numa posição de evidência em relação à edificação de comunidade. Talvez até como prioridade em certos momentos. Isso significa, também, investir em convívios de *aliança*, aqueles que, diferente do *modelo contratual* de relacionamento – no qual as partes envolvidas expõem as condições para que haja vínculo e sobre as quais o relacionamento e o amor possam acontecer – têm como base o modelo bíblico do relacionamento de Deus com seus filhos e o modo como ele quer vê-los se relacionando.¹⁴⁴ É nesse tipo de relacionamento que as necessidades pessoais de cada cristão podem ser sanadas, afinal, como chama atenção Paul Tounier:

“Nós temos uma profunda sede de vida, de relacionamentos alegres e livres. Precisamos que nossos amigos nos considerem sem preconceitos, vendo-nos como somos e não através da luneta de uma doutrina moral, de uma teoria científica ou de um diagnóstico médico. Pois é assim que Deus nos olha”.¹⁴⁵

Por isso, investir em relacionamentos de aliança é investir no amor incondicional de Deus. É também investir em amizades que, como diria C.S. Lewis, são “o instrumento através do qual Deus revela a cada um as qualidades de todos os demais”.¹⁴⁶ E, finalmente, é investir em pessoas, em seus potenciais, em convívios

perdeu muitos de seus referenciais práticos herdados da Reforma e de princípios bíblicos de edificação.

144 Segundo o autor, “a aliança não estabelece nenhuma condição ou exigência para o amor, porque o amor procede qualquer regra ou mandamento”. SOUSA, Ricardo Barbosa de. *Janelas Para Vida*. Curitiba: Encontro, 1999, p. 21.

145 TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho*. São Paulo: ABU, 1985, p. 122

146 LEWIS, C. S. *Os Quatro Amores: uma análise dos quatro tipos de amor humano e o amor divino – coleção pensadores cristãos*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 70.

que transpirem amor, reconciliação com Deus e restauração de vida a partir do perdão.¹⁴⁷ Quando isso acontece, cria-se um ambiente no qual é possível compartilhar ansiedades, sonhos, frustrações, desejos, angústias e alegrias.¹⁴⁸ Onde as lutas deixam de ser pessoais e passam a ser comunitárias, e onde a solidão deixa de ser uma angústia de estar só e passa a ser um silêncio diante de um Deus que se relaciona e promove relacionamento.¹⁴⁹ Enfim, a presença física de uns com os outros constitui uma fonte de alegria e fortalecimento incomparável na qual, sob a graça libertadora de Deus,

“força e fraqueza, inteligência e ignorância, talentoso e sem talento, piedoso e menos piedoso – todas as diferenças individuais dentro da comunidade não serão motivo para falatório, julgamento, condenação, ou seja, motivo de autojustificação, mas serão razões de uns se alegrarem nos outros e de servirem mutuamente”.¹⁵⁰

Assim, sem os relacionamentos interpessoais caracterizados pela mutualidade bíblica e marcados pelo amor cristão, não há como desenvolver um ambiente propício para a edificação, pois sem eles reinará o individualismo e a busca pela edificação pessoal

147De todos os aspectos citados, o perdão possui uma relevância inquestionável nos relacionamentos, pois está ligado inseparavelmente ao amor ágape. Ele revela a graça libertadora de Deus e abre mão da vingança e do ódio. Por ser uma ação capacitada por Deus mediante a sua palavra e o agir do seu Espírito, não exige condição de restituição (Mt 18.22), sendo capaz de restaurar e manter relacionamentos. BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 72.

148MARCONDES FILHO, Juarez. *Amar e Crescer*. Curitiba: Descoberta, 1999, p. 81.

149Para Dietrich BONHOEFFER, *Vida em Comunhão*, p. 59, comunhão e solidão constituem-se num paradoxo, duas realidades que ao mesmo tempo se tencionam e se complementam a partir de Cristo: a solidão que nega a comunhão cai no abismo da vaidade, da arrogância espiritual, do amor próprio, já a comunhão que nega a solidão cai no vazio de palavras e emoções entre as pessoas.

150Ibid., p. 72.

em detrimento dos outros. Sem eles, o sacerdócio geral de todos os crentes será camufladamente substituído por um “sumo sacerdócio” pessoal. Sem eles, cada encontro e cada contato não passará de uma busca individual por realizações baseada na mutualidade de mercado, de troca de favores. Sem eles, a comunhão ficará confinada a encontros semanais, formalmente planejados e estaticamente estruturados. Sem eles, a edificação do Corpo de Cristo passará a ser traduzida literalmente por edificação de estruturas eclesiais. Enfim, como diria Bonhoeffer, sem os relacionamentos interpessoais marcados pelo amor, a comunhão se tornará um ideal baseado no amor anímico, psicológico, que “germina flores artificiais de estufa”, diferente do amor ágape, que “produz frutos que se desenvolvem sob o céu aberto do Deus, sob a chuva, tempestade e sol, sadios, como agrada a Deus”.¹⁵¹

Nesse sentido, pode-se concluir que os relacionamentos interpessoais em uma comunidade cristã são relevantes não só para que haja convivência entre irmãos na fé, mas principalmente, para que, ao seguirem a verdade em amor, cresçam “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4.15-16).

4. Considerações finais

Não há como negar a relevância dos relacionamentos interpessoais na vida do ser humano. Desde o ventre materno, ele vive das relações. Ele sempre está em relação com alguém. É isso

151 Ibid., p. 25.

que dá sentido à dinâmica da vida em sociedade e, também, à vida cristã.

Nesse sentido, ao se falar da edificação de uma comunidade cristã, as contribuições dos relacionamentos interpessoais não podem ser ignoradas. A própria figura da igreja como corpo de Cristo quer apontar para a necessidade de uma interdependência relacional entre os seus membros. No entanto, esse relacionamento orgânico e dinâmico não pode ser entendido como uma mera interação social, mas sim, como uma interação mútua de amor e serviço fraternal entre os crentes. Aqui está o grande diferencial dos relacionamentos cristãos em comparação a qualquer outra forma de sociabilidade: eles acontecem na presença de Cristo, na dimensão da comunhão com Ele e com o próximo. Isso significa que as relações interpessoais em uma comunidade cristã devem estar norteadas por uma mutualidade que brota do agir primeiro do Deus Triúno. O amar uns aos outros só é possível porque Deus amou primeiro. O servir uns aos outros, porque Deus se fez servo. O suportar uns aos outros, porque Deus suportou todo o pecado humano. Enfim, a mutualidade cristã é, antes de tudo, um olhar misericordioso de uns para com os outros, de corações agradecidos que compreenderam o que é estar e viver em Cristo, por Cristo e para Cristo.

Logo, a edificação de uma comunidade cristã só pode acontecer onde há uma relação interpessoal caracterizada pela mutualidade bíblica. Embora nem sempre esse fator seja considerado ou valorizado, ele é, por demais, relevante. Afinal, os espaços nos quais se dá a edificação de comunidade exigem a presença de relacionamentos. O culto comunitário, por exemplo, só acontece onde há pessoas dispostas a adorarem a Deus em conjunto; o ensino, por sua vez, só cumpre seu objetivo edificador quando os relacionamentos se tornam

o meio de colocar em prática os dons do Espírito e o que se aprende; por fim, a vida comunitária não existiria sem relacionamentos, pois sua base é justamente a prática da mutualidade, da disposição de estar a serviço do outro por meio do convívio fraterno.

Conclui-se, assim, que os relacionamentos interpessoais, quando norteados pela mutualidade bíblica e praticados sob a marca do amor ágape e fraternal, não só são relevantes para a edificação de uma comunidade cristã, como também são primordiais para que haja dinamicidade orgânica na igreja e alegria de estar junto com o outro no caminho da fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLMEN J. J. von. *Vocabulário Bíblico*. 3. ed. São Leopoldo: ASTE, 2001.
- *BÍBLIA ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA*. 2. ed. Barueri: SBB, 1993.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida e Comunhão*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W., *Dogmática Cristã*. Vol. 2. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- BRIGHT, John. *História de Israel*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: Uma história da Igreja Cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- *CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento: grego-português*. São José dos Campos: Fiel, 1994, v1 e 2
- CRABB, Larry. *Conexão: o poder restaurador dos relacionamentos humanos; o plano de Deus visando a cura emocional*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999
- CRESPO, Ubirajara. *Mutualidade, a dinâmica da vida*. 3 ed. Rio de Janeiro: Naós. 2002.
- DEMO, Pedro. “Debate do igualitarismo”. In: Pedro DEMO. *Introdução à Sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e Desigualdade Social*. São Paulo: Atlas, 2002.
- DICIONÁRIO Barsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Barsa, 2006.

- *DICIONÁRIO de Ciências Sociais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- DOUGLASS, Klaus. *Celebrando o amor de Deus: o despertar para um novo culto*. Curitiba: Esperança, 2000.
- EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnus, 2004.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. 6. Ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.
- GRENZ, Stanley J. *Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HARRIS R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KIVITZ, Ed René. *Quebrando Paradigmas*. 5. ed. São Paulo: Abba Press, 2004.
- REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003.
- KOLENKAUTSKY, Saúl Pena. *Naturalidade, mutualidade e tãatos terapêutico*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs17/p17_16.htm>. Acesso em: 2 ago. 2009.
- *LIVRO DE CONCÓRDIA: As confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- LUTERO, Martinho. “Carta aos Romanos”. In: Martinho Lutero. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2002.
- LUTERO, Martinho. “Epístola aos Gálatas”. In: Martinho Lutero. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. 2002
- MacKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARCONDES FILHO, Juarez. *Amar e Crescer. Ofator comunhão no crescimento da Igreja*. Curitiba: Descoberta, 1999.
- MÖLLER, Christian. *Lehre von Gemeindeaufbau*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.
- MORRIS, Leon, L. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja: Uma igreja segundo os propósitos de Deus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.
- NAHAS, Markus V. *Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. 4. ed. rev. e atual. Londrina: Midiograf, 2006
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- OFTESTAD, Alaf B. *Vivendo Diaconia: edificando a igreja através do cuidado pessoal e social*. Curitiba: Encontro, 2006.
- OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000.
- PADILHA, René C.; YAMOMORI, Tetsunao (eds). *El Proyecto de Dios y Las*

Necessidades Humanas. 2. ed. Buenos Aires: Kairós, 2003.

- PADILHA, René C.; YAMOMORI, Tetsunao (eds). *La Iglesia local como agente de transformación*. Buenos Aires: Kairós, 2003.

- PARROTT, Les e Leslie. *Relacionamentos: orientações práticas para enriquecer todo tipo de relacionamento*. São Paulo: Vida, 1999.

- PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus – nossa paixão: texto-base para o plano de ação missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

- PIORES, Stefano e GOFFI, Tullo (org). *Dicionário de Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Papius, 1993.

- PSIQUIATRIA Geral. *Outras Escolas Psicodinâmicas: Harry Satack Sullivan*. Disponível em: <<http://www.mentalhealth.com.br>>

- POHL, Adolf. *Carta aos Romanos – Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 1999.

- PREUSS, Horst Dietrich. *Teología del Antiguo Testamento: Yahvé, elige y obliga*. Bilbao: Descleé, 1999.

- QUEIROZ Ricardo Canguçu Barroso de. *Sobre as Mutualidades*. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/artigos/2000/barroso/mutualidades.htm>>. Acesso em: 2/8/2009.

- REAL, Paulo. *Relacionamentos na Igreja*. São Paulo: Vida, 2003.

- RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

- RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Bíblico do Professor*. São Paulo: Vida, 2004.

- SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. CEIBEL: Patrocínio. 1998.

- SCHELP, Diogo. *Sozinho.com?* Disponível em: <<http://www.ibope.com.br>>. Acesso em: 17/8/2009.

- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

- SCHWAMBACH, Claus. *Ética: apostila de Teologia Sistemática IV*. Nr. 3. Material não publicado.

- SCHWARTZ, Christian. *Aprendendo a Amar: a revolução do coração*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.

- SCHWARTZ, Christian. *Evangelização Básica*. Curitiba: Esperança, 2003.

- SCHWARTZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja*. Curitiba: Esperança, 2001.

- SCHWARTZ, Christian. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996.

- SMALLEY, Gary. *O DNA dos Relacionamentos: descubra que você foi projetado para relacionamentos satisfatórios*. São Paulo: Hagnos, 2007.

- SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 2001.

- SOUSA, Ricardo Barbosa de. *Janelas Para Vida: a espiritualidade do cotidiano*. Curitiba: Encontro, 1999.

- SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. “Amizade na Aduldez:

Fatores individuais, ambientais, situacionais e didáticos”. In: *Interação em Psicologia*. Curitiba, v. 12, n 1, 2008.

- SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. “Relacionamentos Pessoais e Sociais: amizade em adultos”. In: *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 13, n. 2, 2008.

- STEDMAN, Ray, C. *Igreja: corpo vivo de Cristo*. 5. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

- STEGMANN, Ekkehard W. STEGMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

- STOTT, John R. W. *A Mensagem de Efésios*. 2 ed. São Paulo: ABU, 1987.

- THOMPSON, James. *Nossa Vida Juntos: um olhar para a fraternidade cristã*. São Paulo: Vida Cristã, 1983.

- VEITH, Gene Eduart Jr. *Tempos Pós-Modernos. Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura de nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

- VOLKMANN, Martin. “Edificação de comunidade”. (cap. 8). In.: VOLKMANN, Martin; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (Eds). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; ASTE: São Paulo 1998.

- WEINGÄRTNER, Lindolfo. *Flores do Jardim de Agostinho*. Curitiba: Encontro, 2005.

- WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

- WESTPHAL, Euler Renato. *O Oitavo Dia: na era da seleção artificial*. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.

- WEYEL, Hartmut. *Meu Sonho de Igreja. Características da Igreja de Jesus Cristo: estruturas bíblicas e perfil moderno*. Curitiba: Esperança, 2003.

- WIESE, Werner. *Ética Fundamental: critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã. 2008.

- WOLFF, Hans, Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1983.

- YANCEY, Philip. *Igreja: Por que me importar?* 2. ed. São Paulo: Sepal, 2001.